



FUNDAÇÃO
CALOUSTE
GULBENKIAN



PROGRAMA GULBENKIAN DISTÂNCIA E PROXIMIDADE

DRAWING A TENSION – OBRAS DA COLEÇÃO DEUTSCHE BANK
EMÍLIO RUI VILAR – PRESIDENTE DO CENTRO EUROPEU DE FUNDAÇÕES

ÍNDICE

ACTUALIDADE

EMÍLIO RUI VILAR NA PRESIDÊNCIA DO CENTRO EUROPEU DE FUNDAÇÕES.....	2
DRAWING A TENSION	
ARTE MODERNA DA COLECÇÃO DEUTSCHE BANK	3
CLUBE DE VÍDEO DE ARTE CONTEMPORÂNEA.....	4
À ESCALA – JOÃO PAULO SERAFIM.....	4
WORLD PRESS CARTOON EM PARIS.....	5
A CHEGADA DA CORTE PORTUGUESA AO BRASIL COLÓQUIO EM PARIS	8
EXPERIMENTAR É DESCOBRIR	9
UMA CAMPANHA PORTUGUESA NA ANTÁRTIDA	10
A GRANDE AVENTURA EM ANTESTREIA	12
ASSUNTOS DO MAR	12
IGC PARTICIPA NO OPTIMUS ALIVE	12
ENVELHECER BEM EM PORTUGAL	13
WWW.COLOQUIO.GULBENKIAN.PT.....	13
BIBLIOTECAS ITINERANTES NASCERAM HÁ 50 ANOS.....	14

DESTAQUE

DISTÂNCIA E PROXIMIDADE	
O ANO DE TODAS AS CULTURAS.....	16
25 EDIÇÕES DE JAZZ EM AGOSTO.....	17

BREVES

PROGRAMA DE “SMALL-GRANTMAKING” EM TIMOR.....	20
BIBLIOTECA VIRTUAL DE SAÚDE EM SÃO TOMÉ E PRÍNCIPE	20
MAIS COOPERAÇÃO COM SÃO TOMÉ NA ÁREA DA EDUCAÇÃO.....	21
INÍCIO DO RESTAURO DA CATEDRAL DE CALECUTE	21
NOVA PÁGINA DA FUNDAÇÃO NA INTERNET	21

LIVROS

PUBLICAÇÕES DO UK BRANCH.....	22
HISTÓRIA DO ENSINO EM PORTUGAL.....	22
A ESCOLA E O FUTURO DO MUNDO RURAL	23
HISTÓRIA E ANTOLOGIA DA LITERATURA PORTUGUESA	23
AURELIANO DE MIRA FERNANDES.....	23

UM ROSTO DA SOCIOLOGIA

MARIA DO ROSÁRIO TIQUE	24
------------------------------	----

UM ROSTO DO CINEMA

PAOLO MARINOU-BLANCO	25
----------------------------	----

UMA OBRA DO MUSEU CALOUSTE GULBENKIAN

TAÇA DE FAIANÇA, PÉRSIA.....	26
------------------------------	----

UMA OBRA DA BIBLIOTECA DE ARTE

'85 NEW WAVE: THE BIRTH OF CHINESE CONTEMPORARY ART	27
---	----

UMA OBRA DO CENTRO DE ARTE MODERNA

RUI MOREIRA, SEM TÍTULO	28
-------------------------------	----

AGENDA

.....	29
-------	----

NEWSLETTER Nº 94 JUNHO 2008

ISSN 0873-5980

Esta Newsletter é uma edição do Serviço de Comunicação

Elisabete Caramelo | Leonor Vaz | Sara Pais

Av. de Berna, 45 A – 1067-001 Lisboa, tel. 21 782 30 00, fax 21 782 30 27

info@gulbenkian.pt, www.gulbenkian.pt

REVISÃO DE TEXTO Rita Veiga [dito e certo]

DESIGN José Teófilo Duarte | Eva Monteiro | Tânia Reis [DDLX]

IMPRESSÃO Euroscanner

TIRAGEM 10 000 exemplares

CAPA Fotografia de Duarte Amaral Netto

ACTUALIDADE



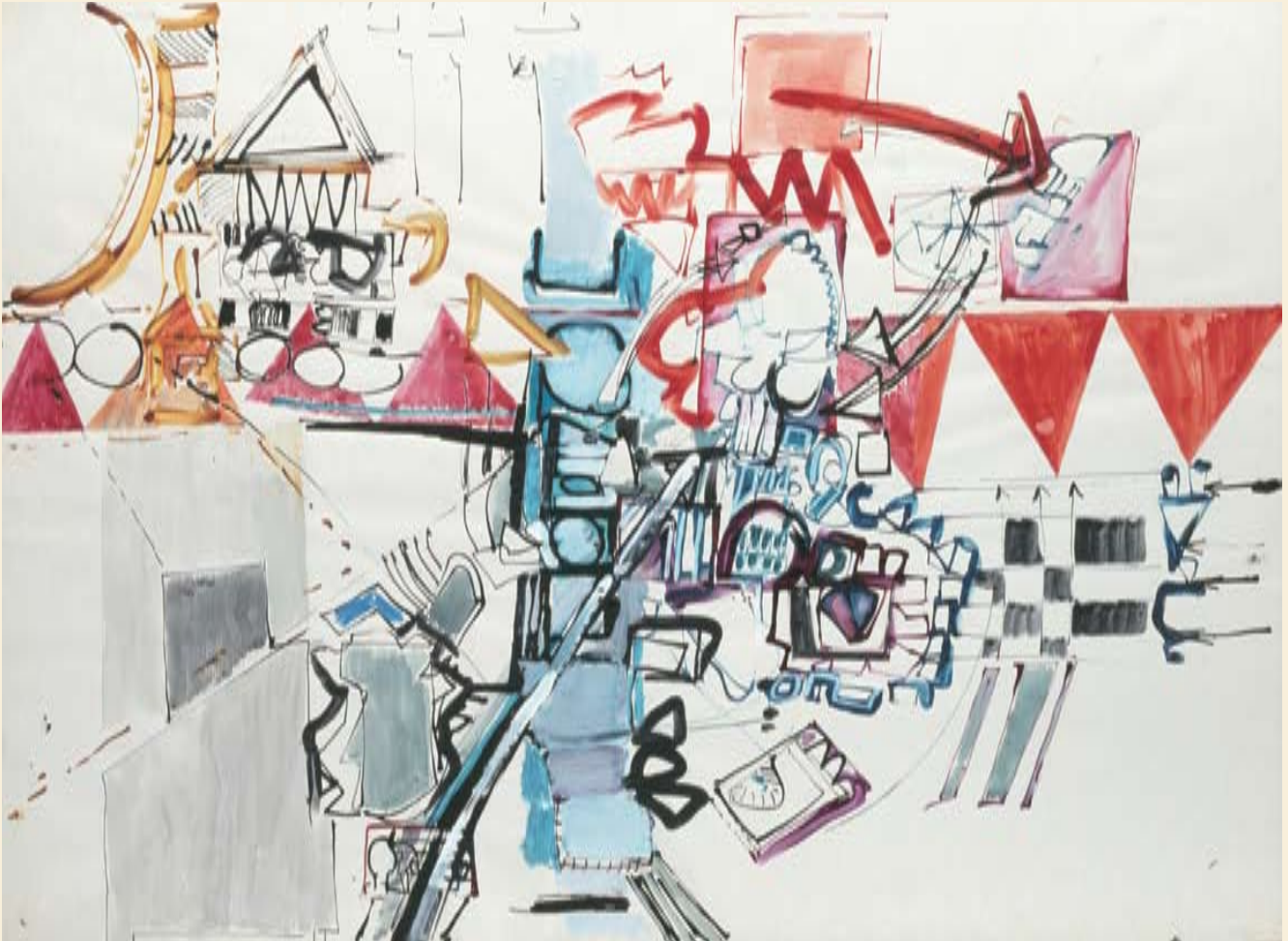
EMÍLIO RUI VILAR

PRESIDENTE DO CENTRO EUROPEU DE FUNDAÇÕES

Emílio Rui Vilar, presidente da Fundação Calouste Gulbenkian, foi eleito presidente do Centro Europeu de Fundações (EFC), na 19ª Assembleia Geral e Conferência desta organização que decorreu em Istambul entre 29 e 31 de Maio. Emílio Rui Vilar sucede a Wilhelm Krull, Secretário-geral da Fundação Volkswagen, e será o primeiro presidente do EFC a cumprir um mandato de três anos devido a recente alteração dos estatutos do Centro.

O EFC é uma associação de fundações europeias, com sede em Bruxelas, que tem como missão promover a filantropia a nível europeu e internacional, bem como representar os seus membros junto das instituições da União Europeia, do Banco Mundial e das Nações Unidas.

Constituída em 1989 por sete fundações europeias, conta actualmente com 225 associados, oriundos de 41 países. O total dos activos dos seus membros equivale a cerca de 130 mil milhões de euros e a sua despesa representa 7 mil milhões de euros. Envolvendo cerca de 800 representantes de fundações e outras instituições filantrópicas, bem como representantes de instituições da União Europeia e de organizações multilaterais, a Assembleia Geral e Conferência deste ano debruça-se sobre o modo como as fundações podem promover a criatividade nas sociedades onde operam, antecedendo o Ano Europeu da Inovação e Criatividade, a celebrar em 2009. ■



Eva Hesse, *Sem Título*, 1963, K19961587

DRAWING A TENSION

A ARTE MODERNA DA COLEÇÃO DEUTSCHE BANK

Até 7 de Setembro

Galeria de Exposições Temporárias da Sede

Drawing a Tension reúne uma série de importantes trabalhos de artistas modernos e contemporâneos, realizados entre 1922 e a actualidade. Organizada segundo uma estrutura não histórica, a exposição procura afastar-se das classificações tradicionais e desvendar sensibilidades semelhantes em peças (pinturas, esculturas, desenhos, impressões gráficas e fotografias) de diferentes épocas e origens diversas. Através da justaposição de posicionamentos teoricamente contraditórios, pretende-se criar uma tensão que convide os espectadores a compreenderem a diversidade de práticas artísticas por vezes niveladas de forma redutora pelo discurso da história da arte.

Os trabalhos têm em comum uma certa auto-reflexividade sobre a própria prática artística, funcionando como metáfora, como desvio, mas também como consolo pelo fenómeno

da nossa existência neste mundo. Mas ao colocar trabalhos consagrados em diálogo com outras obras, esta exposição procura também conservar a “urgência” – política, social e intelectual – que esses trabalhos tinham quando foram concebidos inicialmente, evitando que sejam reduzidos a uma imagem esvaziada do passado.

A organização da exposição, sem distinções entre o moderno, o pós-moderno e o que veio depois, centra-se mais numa perspectiva de continuidade, incluindo repetições que façam sentido, do que em rupturas e recomeços. Reúnem-se assim práticas de vanguarda, que fazem referência às questões da emancipação e dos ideais utópicos incorporados no modernismo, com práticas mais recentes, que reformulam e criticam essas mesmas utopias. ■

Jürgen Bock, *comissário da exposição*

CLUBE DE VÍDEO DE ARTE CONTEMPORÂNEA



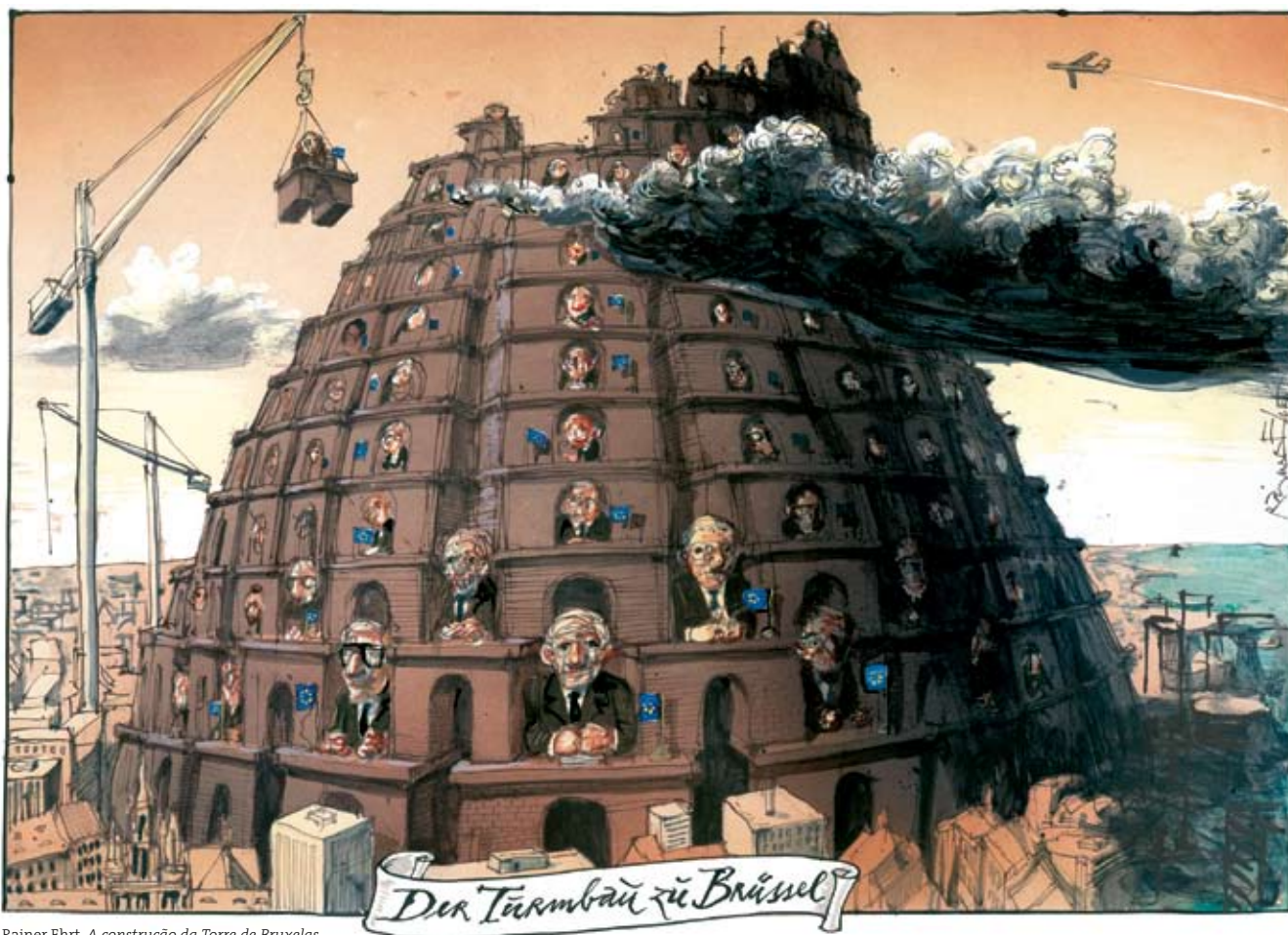
Depois de Nova Iorque, Londres, Berlim, Amesterdão, Miami e Boston, foi inaugurado em Lisboa o projecto itinerante *E-Flux Video Rental*. Até 31 de Julho o foyer da Sede da Fundação Calouste Gulbenkian acolhe um extenso arquivo de vídeos realizados por alguns dos mais importantes artistas contemporâneos, que se encontra à disposição do público para aluguer domiciliário, gratuitamente, permitindo a todos os interessados a consulta e estudo destes registos. Paralelamente, está a decorrer um ciclo de conferências e mostra de vídeos que acompanha esta iniciativa: Jürgen Bock, curador e director da Escola de Artes Visuais Maumaus, estará na Fundação Gulbenkian no dia 10 de Junho, às 18h, e no dia 24, à mesma hora, será Jean-François Chougnet, director do Museu Coleção Berardo, a fazer uma apresentação. A última conferência, dia 15 de Julho, será proferida por Miguel Wandschneider, programador e curador de Artes Visuais na Culturgest.

A edição portuguesa do *E-Flux Video Rental* resulta de uma colaboração da Fundação Gulbenkian com a Escola de Artes Visuais Maumaus. ■



À ESCALA JOÃO PAULO SERAFIM

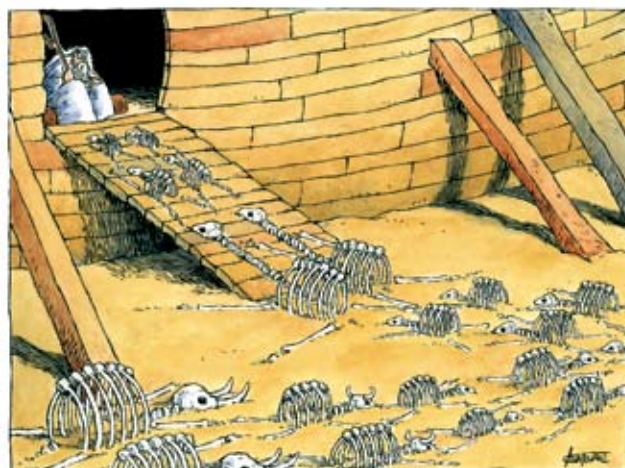
O acervo do *Museu Improvável* de Imagem e Arte Contemporânea (MIAC) continua em exposição até 6 de Junho no Centro Cultural Calouste Gulbenkian, em Paris. O projecto do artista João Paulo Serafim (Paris, 1974) reúne um total de cerca de 50 obras, desenvolvidas nos últimos anos, entre trabalhos de fotografia e de vídeo. Algumas peças são inéditas e outras constituem novas produções, feitas especificamente para esta mostra, para além de uma vasta colecção de fotografias anónimas de várias épocas, revisitando o retrato e a paisagem, entre outros géneros. Comissariada por António Pinto Ribeiro, a exposição foi inaugurada no final de Abril com a edição de um catálogo bilingue. ■



Rainer Ehrh, A construção da Torre de Bruxelas

WORLD PRESS CARTOON EM PARIS

Pela primeira vez, o Centro Cultural Calouste Gulbenkian acolhe os melhores Cartoons de Imprensa 2005-2008, numa exposição que será inaugurada a 18 de Junho e que se manterá aberta ao público até ao dia 19 de Setembro. São mais de 60 imagens que reflectem a actualidade dos últimos quatro anos e representam o que de melhor tem sido publicado na imprensa internacional, nas áreas da caricatura, cartoon editorial e desenho de humor. O World Press Cartoon (WPC) começou em 2005 em Sintra, com o apoio de várias instituições, entre elas a Fundação Gulbenkian, e, todos os anos, o júri nomeado pela organização escolhe os mais significativos desenhos do ano. O público parisiense vai poder apreciar os vencedores de todas as áreas, nos quatro anos de existência do WPC.



Kountouris, Desertificação



Hassan Karimzadeh, *A Carregar...*



Moa, *Carrossel*



Santiago, *Sem Título*

O CARTOONISTA ANTÓNIO, ORGANIZADOR DO WPC E DA EXPOSIÇÃO, ADIANTA O QUE PODERÁ SER VISTO EM PARIS:

Acho que a exposição vai mostrar o melhor que fizemos, ou, pelo menos, aquilo que os vários júris decidiram ser o melhor. São os prémios e as menções honrosas dos quatro anos de existência do WPC. Trata-se de uma boa mostra daquilo que se faz neste momento, das várias correntes técnicas, das várias formas de intervenção através do humor gráfico, com ou sem palavras, através de técnicas tradicionais, técnicas novas ou técnicas mistas. É uma exposição rica desse ponto de vista e que nos dá uma mostra daquilo que é a imprensa hoje, no que toca ao humor gráfico.

E ABRANGE VÁRIAS ÁREAS...

São três categorias, digamos assim. Temos o *cartoon* editorial, que reflecte a realidade mais próxima dos acontecimentos políticos e sociais da actualidade. Depois, temos a caricatura, aqui entendida como o retrato humorístico *strictu sensu*. Muitas vezes, as caricaturas estão na fronteira entre o editorial e a caricatura, mas a nossa definição é a do retrato humorístico. E, depois, temos o desenho de humor, a que os americanos chamam *gag cartoon*, que é um desenho com implicações sociais, filosóficas, que não está dependente da realidade imediata, do acontecimento imediato, mas que

reflecte muito das nossas vivências, dos costumes, da filosofia de vida e que é uma área também fortíssima. Creio que, com estas três modalidades, mostramos tudo o que é humor gráfico na imprensa, com excepção das tiras, por opção.

SÃO QUANTOS DESENHOS AO TODO?

São 67 desenhos de autores de diferentes nacionalidades. A panóplia é muito larga: temos ingleses, franceses, iranianos, gregos, mexicanos, uruguaios, italianos, brasileiros e portugueses, mas temos menos norte-americanos do que desejaríamos. O cartoon é uma área muito forte na imprensa norte-americana e é onde vamos, nos próximos tempos, tentar “recrutar” novos autores para o WPC. Devemos também investir mais na nossa promoção na Europa. Os países europeus ainda não aparecem numa proporcionalidade directa relativamente ao que representam as suas próprias imprensas. Podemos e devemos melhorar também aí, e a exposição de Paris é mais um passo nessa direcção.

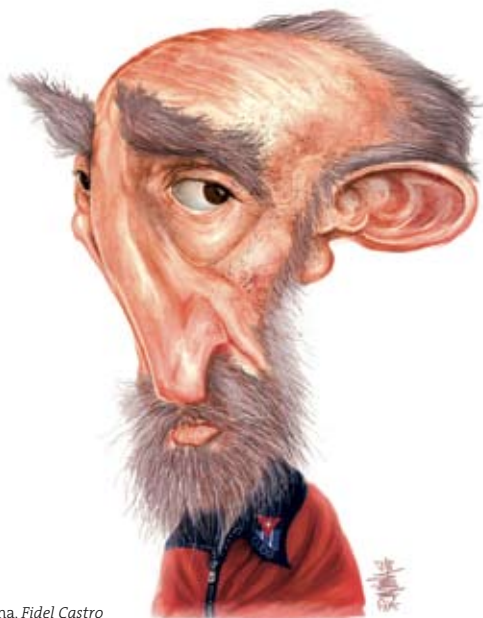
O WPC é um evento que cresceu depressa e bem e tem espaço para se consolidar e evoluir, tornando-se um salão verdadeiramente global.

COMO DECORREU A EXPOSIÇÃO DESTA ANO NO ESPAÇO DO MUSEU DE ARTE MODERNA DE SINTRA?

Foi uma (quase) agradável surpresa, porque teve bastante público. Isso confirmou o nosso optimismo relativamente à capacidade de penetração de uma exposição deste tipo. A experiência de Sintra demonstra que há condições para se tornar muito popular e isso também nos deixa muito animados em relação a Paris. ■



Carrilho, Bush



Pxmolina, Fidel Castro



Balaban, Barack Obama



Nicolas Delerive, Museu dos Coches.

A CHEGADA DA CORTE PORTUGUESA AO BRASIL

COLÓQUIO EM PARIS

No final de Maio e durante três dias, académicos de Portugal e do Brasil, mas também de Espanha e França, reflectiram sobre o significado da chegada da Família Real Portuguesa ao Brasil há 200 anos. Dando continuidade ao apoio concedido para a realização de duas exposições que assinalam a data, a Fundação Gulbenkian convidou o director da Biblioteca Nacional, Jorge Couto, especialista reconhecido em história luso-brasileira, para coordenador científico deste colóquio. O Centro Cultural Calouste Gulbenkian, em Paris, foi o local escolhido para a reflexão sobre o gesto e a astúcia de D. João VI quando, há 200 anos, decidiu iniciar a fuga a uma previsível invasão napoleónica. Este gesto é hoje interpretado como a preservação da identidade portuguesa, mas também como a instalação dos alicerces para o nascimento de um novo Estado, o Brasil. Como disse na abertura

o presidente da Fundação, perante os embaixadores de Portugal e do Brasil, “a Corte Portuguesa só partirá em Novembro de 1807, com Junot às portas de Lisboa. Consigo transporta inúmeros caixotes com documentos do Estado, uma tipografia e milhares de volumes da Real Biblioteca. É o centro do poder político que se desloca, vai atravessar o Equador e estabelecer-se no novo continente. Para Portugal e para o Brasil é um novo destino que se abre”. A conferência inaugural do Colóquio foi proferida por Eduardo Lourenço. A Fundação Gulbenkian apoiou as exposições *Um novo mundo um novo império. A Corte Portuguesa no Brasil. 1808-1822* e *A Bahia na Época de D. João. A Chegada da Corte Portuguesa. 1808-2008*, apresentadas, respectivamente, no Museu Histórico Nacional, do Rio de Janeiro, e no Museu de Arte da Bahia, em Salvador. ■

EXPERIMENTAR É DESCOBRIR



O desafio está em cima da mesa, literalmente. Uma pilha de três volts, um fio de cobre e uma pequena lâmpada estão à disposição das duas dezenas de professores que se sentam à volta das mesas, numa sala da Escola Superior de Educação de Setúbal. O primeiro pedido feito a cada um, individualmente, é o de conseguirem imaginar um circuito que resulte no acender da lâmpada. Primeiro, o desenho no papel e só depois se poderá testar se o circuito imaginado resulta ou não. A isto se chama “previsão”, em linguagem científica. Muitas das previsões feitas mostram-se insuficientes e, na prática, é preciso testar como colocar o fio de modo a que a energia transmitida pela pilha seja conduzida à lâmpada e esta se acenda. Ao fim de alguns minutos e de muitos testes, uma professora solta uma exclamação de alegria: “Já consegui.” Agitação na sala, quase como que se não existisse diferença de gerações para o entusiasmo da descoberta e o professor adulto reage como o aluno criança, na alegria da solução encontrada.

Esta actividade é mais uma das acções de sensibilização e formação de professores do projecto Método de Aprendizagem Experimental em Ciências (*Inquiry-Based Science Initiative*), desenvolvido pelo Serviço de Educação e Bolsas da Fundação Gulbenkian, em parceria com a Frank Carlucci American International School of Lisbon. O objectivo principal é a introdução de conceitos e métodos de aprendizagem experimental em ciências, dirigidos ao 1º e 2º ciclos de escolas portuguesas. O método desenvolvido leva a que os alunos não só leiam sobre ciências e os professores falem sobre ciências, mas também, na realidade que *façam* ciências. Para além do objectivo de despertar e interessar as crianças pelas áreas científicas, o projecto visa formar, no mínimo, 50 professores portugueses dos 1º e 2º ciclos do ensino básico, até 2010, em metodologias de análise experimental das ciências, desenvolvendo capacidades e aptidões nestes domínios e na área da Matemática.

Ken Mechling, professor emérito da Universidade de Clarion, na Pensilvânia, é o orientador dos *workshops* desenvolvidos desde que o projecto começou, em 2005, e que já passaram por Lisboa, Espinho, Faro, Santarém, Castelo Branco e, este, em Abril passado, em Setúbal. A transbordante vitalidade e a energia deste homem, que é também o presidente da

School Science Services da Pensilvânia, rapidamente se propagam aos professores presentes nestas acções. Ken Mechling lembra que o mais difícil é despertar as crianças, interessá-las pelas matérias que vêm nos livros de uma forma que as deixe preparadas para aprenderem verdadeiramente. E começa por lembrar o mais importante – a observação. Para exemplificar o que diz, são distribuídos peixes desenhados em papel recortado, colados numa palhinha de refresco e é pedido a cada professor que examine cuidadosamente o seu peixe. Depois, cada professor, munido do respectivo peixe, deve procurar o cardume a que pertence ou seja, deve identificar as semelhanças com o grupo. A partir daí, deve seguir o seu cardume sem nunca se separar, sob pena de ser “devorado” pelos outros peixes mais fortes. A experiência que leva ao riso entre os professores serve a Ken Mechling para dizer que “brincadeiras como esta não só ensinam conceitos – observação, classificação, comunicação, formulação de hipóteses –, como deixam na criança a sensação de ter feito alguma coisa”. E acrescenta que “as crianças aprendem tanto com a simulação como com a realidade, porque, se fizerem alguma coisa, mesmo que seja simulada, vão lembrar-se muito melhor dos conceitos do que se apenas os tiverem lido”. E, no fundo, tudo se pode resumir na frase “experimental é descobrir”.

Ken Mechling e a sua equipa demonstram que os alunos do básico aderem mais facilmente a esta forma de ensino porque lhes dá a possibilidade de cada um encontrar respostas e soluções para os problemas, a partir das suas próprias potencialidades.

O *workshop* de Setúbal foi uma das acções de formação previstas neste projecto. A formação é feita de duas formas complementares: por um lado, nas escolas abrangidas pelo projecto, com a presença do professor da turma que vai, posteriormente, desenvolver o seu trabalho de acordo com os parâmetros definidos e que é acompanhado, ao longo do ano, pelos professores da Escola Americana e por professores universitários norte-americanos que dinamizam e acompanham o projecto; por outro lado, a formação é assegurada através da realização de seminários como este.

A experiência vai continuar, pelo menos, até 2010. ■



UMA CAMPANHA PORTUGUESA NA ANTÁRTIDA

Pela primeira vez, Portugal participou na coordenação de inovadoras perfurações no solo gelado da Antártida, através de um financiamento do Programa Gulbenkian Ambiente. No dia 17 de Junho, às 18h30, Gonçalo Vieira, do Centro de Estudos Geográficos da Universidade de Lisboa, vai estar na Fundação Gulbenkian para a conferência *Alterações climáticas e o solo gelado da Antártida: uma campanha portuguesa*. A acompanhá-lo estará Vanessa Batista, que esteve no início deste ano na Antártida para trabalhar no projecto *Permadrill* e que antecipa, nesta conversa, alguns dos desafios presentes na campanha.

QUAIS FORAM OS OBJECTIVOS DA CAMPANHA PORTUGUESA NA ANTÁRTIDA?

O projecto está inserido num outro mais vasto, de âmbito internacional. Trabalhamos com espanhóis, suíços, alemães e búlgaros para tentar perceber como é que o *permafrost* [solo permanentemente congelado] se distribui e como se comporta na Antártida marítima, onde está pouco estudado, ao contrário do que acontece no Ártico. Desde 1999-2000 que temos alguns sistemas de monitorização na Antártida, duas perfurações de pouco mais de um metro, sensores para medir a espessura da neve, e estações meteorológicas para medir as temperaturas do ar. É preciso fazer a manutenção deste trabalho: todos os anos voltamos para tirar os sensores, verificar se estão a funcionar, para ver os dados do ano anterior, substituí-los e preparar tudo para o ano seguinte. Além disso, e no que diz respeito ao apoio que tivemos do Programa Gulbenkian Ambiente, este ano tínhamos o grande objectivo de fazer duas perfurações mais profundas na Antártida. Inicialmente estava previsto fazer uma na ilha Livingston e outra na ilha Deception, mas existe uma grande dificuldade logística: as quatro toneladas de material que é necessário transportar de navio, de acordo com a difícil disponibilidade deste. Depois é necessário transportar o material de helicóptero. Não pode haver vento e deve haver

boa visibilidade, condições difíceis de encontrar nas ilhas Shetland do Sul... Há um conjunto de condições que é preciso verificar. No dia 17 de

Janeiro, quando estávamos a sair de Ushuaia [Terra do Fogo], recebemos a notícia de que o material já estava em Livingston. Os técnicos da base e do barco trabalharam arduamente para pôr tudo no monte Reina Sofia nessa madrugada. Mas, mais tarde, passar outra vez as quatro toneladas de material para a ilha Deception, de barco e de helicóptero, tornou-se inviável. Por isso, este ano optámos por fazer as duas perfurações na mesma ilha, em Livingston, em sítios diferentes que nos dão informação diversa, em termos de alguns parâmetros que nos interessa estudar. Quando, com alguma dificuldade, conseguimos terminar o furo de 25 metros, bastante profundo para as condições antárticas, optámos então, dentro dessa área e para onde fosse possível levar o material sem grande apoio logístico, por fazer a outra perfuração com 15,5 metros um pouco mais abaixo, numa zona com mais neve. Não tem as mesmas condições geomorfológicas da perfuração anterior, precisamente para podermos comparar resultados. Por outro lado, nesta campanha também estive a recolher dados e a fazer geofísica para a minha tese.

QUAL A IMPORTÂNCIA DESTE PROJECTO NO ESTUDO DAS ALTERAÇÕES CLIMÁTICAS?

A informação que vamos obtendo entra para bases de dados mundiais, numa rede de estudo de temperaturas do *permafrost*, que é depois usada para os modelos de previsão climática a nível mundial. Estes dados permitirão, para além de contribuir para a calibração dos modelos, saber também qual a tendência de evolução das temperaturas do solo na Antártida, comparando-as com as do solo do Ártico, que está a sofrer um significativo aquecimento. Na Antártida, conhece-se ainda muito pouco acerca das temperaturas do solo, e é uma região ainda muito pouco estudada.

**Programa
Gulbenkian
Ambiente**



EM QUE FASE SE ENCONTRA O VOSSO TRABALHO?

Estamos permanentemente a trabalhar no tratamento de dados e a preparar a campanha seguinte. Neste momento, com espanhóis, búlgaros, suíços, alemães, argentinos e russos, estamos a trabalhar na próxima campanha, que será ainda este ano. As campanhas começam entre Novembro e Março. Simultaneamente estamos a tratar os dados da campanha passada. A próxima vai ser na mesma zona, por causa dos locais de monitorização. E vamos poder obter os dados do primeiro ano dos sensores de temperatura que ficaram nos furos de 25 e 15,5 metros. Temos de recolher os dados e processá-los. Também existem outras perfurações mais pequenas, que temos vindo a monitorizar desde 2000. Já são oito anos de sequência de dados. Temos igualmente de recolher essa informação. E pretendemos fazer mais algumas experiências novas na próxima campanha. Para além das perfurações, há outros processos indicadores de como é que o *permafrost* está a reagir.

COMO É QUE FUNCIONA A COLABORAÇÃO ENTRE CAMPANHAS DE VÁRIAS NACIONALIDADES?

Estas campanhas funcionam sempre em colaboração. O Gonçalo Vieira começou a trabalhar, em 2000, com o professor Miguel Ramos, da Universidade de Alcalá. Desde então, tem-se desenvolvido uma colaboração com Espanha. Em 2005, alargou-se a participação, com a entrada de um suíço e de um alemão na campanha espanhola, onde se enquadrava também a participação portuguesa, pela segunda vez, do Gonçalo Vieira, que coordenava a campanha. Sempre entrámos na campanha espanhola sem contribuir com financiamento directo para o equipamento e para a logística; a Fundação para a Ciência e a Tecnologia e também a Fundação Calouste Gulbenkian apoiaram-nos nas várias campanhas, no financiamento das viagens, e a equipa portuguesa entrava essencialmente com o *know-how* nas áreas em que somos mais especializados. Foi nesta

última campanha que, pela primeira vez, com o apoio do Programa Gulbenkian Ambiente, Portugal financiou as perfurações. Até Ushuaia temos o apoio da Fundação para a Ciência e a Tecnologia. A partir daí, toda a nossa estadia nas bases e a logística de transporte foram suportadas pelo programa antártico espanhol. O Gonçalo Vieira já tinha estado duas vezes na Antártida e, este ano, tive eu o privilégio de ir pela primeira vez.

QUANTO TEMPO PASSOU NAS BASES DE TRABALHO DA ANTÁRTIDA?

Estive fora de Portugal sete semanas e, durante esse período, duas semanas e meia em cada base [existem duas bases espanholas]. Foi uma experiência inesquecível. Há uma preparação psicológica que é importante: vamos para um ambiente isolado e é com aquelas pessoas que temos de contar para tudo. Não vale a pena pensar que, se acontecer alguma coisa, vamos ligar para os nossos amigos ou para a nossa família. De vez em quando, há uns atritos, o que é natural, mas em geral o ambiente nas bases é muito bom, porque as pessoas estão ali para se ajudarem umas às outras. Não há ninguém em permanência nas bases. As equipas técnicas passam lá até cinco meses, no máximo, entre a abertura e o fecho da base, ou seja, entre Novembro e Março, porque, durante o Inverno austral, as bases espanholas estão encerradas.

QUE PERFURAÇÕES JÁ EXISTIAM COM ESTA PROFUNDIDADE?

Quando apresentámos o projecto, no âmbito do Ano Polar Internacional, esta iria ser a segunda perfuração do género na região da Península Antártica, e julgo que a sexta em todo o continente. Foi uma missão importante, porque existem muito poucas perfurações como esta, de 25 metros, que fizemos este ano. Actualmente é a perfuração mais profunda nas ilhas Shetland do Sul e é excelente saber que tem uma forte marca portuguesa. ■

A GRANDE AVENTURA EM ANTESTREIA

No âmbito das comemorações do Dia Mundial do Ambiente, o documentário *A Grande Aventura*, realizado por Francisco Manso, será exibido em antestreia no Auditório 2 da Fundação Calouste Gulbenkian, no dia 5 de Junho, às 21h30. O filme, com uma duração de 50 minutos, trata da pesca do bacalhau, a partir do guião elaborado por Álvaro Garrido, historiador e director do Museu Marítimo de Ílhavo. Diz a equipa que produziu e realizou este filme: “Nos dias de hoje, a pesca do bacalhau é, acima de tudo, um objecto cultural e memorial. Tema forte e muito expressivo de um certo imaginário português, sugere uma abordagem estética e exaltante, mas sobretudo didáctica e plural. Uma abordagem documental capaz de ser apreciada pelas gerações mais jovens de portugueses, pelas comunidades marítimas e emigrantes e por todo um público estrangeiro interessado nas grandes narrativas da vida marítima. Volvidos mais de vinte e cinco anos da realização do último documentário português sobre a pesca do bacalhau (*Terra Nova, Mar Velho*, de Francisco Manso), fazia sentido produzir um filme capaz de romper visões unívocas e nacionais, cruzando as memórias portuguesas da grande pesca com as narrativas de recordação dos próprios canadianos da Terra Nova.” A sessão de antestreia do filme, uma colaboração da Fundação Gulbenkian com a RTP2, contará com as intervenções de Emílio Rui Vilar, Mário Soares e Mário Ruivo, biólogo e especialista de questões do mar e das pescas, eleito recentemente para presidir à Direcção do Fórum Permanente para os Assuntos do Mar. A estreia de *A Grande Aventura* está marcada para dia 10 deste mês, na RTP2, pelas 23h30. ■

ASSUNTOS DO MAR

Com o apoio do Programa Gulbenkian Ambiente, o Fórum Permanente para os Assuntos do Mar foi lançado no mês passado, na Fundação Gulbenkian. O objectivo deste Fórum é funcionar como uma plataforma informal de contacto entre o Governo e a sociedade civil, contribuindo para a comunicação e partilha de informação. Será promovida uma visão intersectorial e multidisciplinar dos assuntos do mar e a expressão de perspectivas e pontos de vista diversos. O Fórum está aberto a todos os que manifestem interesse pelo tema e será estabelecido um grupo de reflexão e acompanhamento com a participação de personalidades de reconhecido mérito, organizações não governamentais e entidades privadas. Mais informações: www.emam.com.pt ■



IGC PARTICIPA NO OPTIMUSALIVE! CIÊNCIA E MÚSICA MODERNA, NUMA MISTURA POUCO HABITUAL

O Instituto Gulbenkian de Ciência (IGC) (www.igc.gulbenkian.pt) estabeleceu uma parceria com a Everything Is New, promotora do Festival Optimus Alive!o8 (<http://www.optimusalive.com/>), que assegura a presença do IGC na edição deste ano do festival e a atribuição de uma bolsa de investigação em Biodiversidade, pela Everything Is New.

Esta parceria, inédita em Portugal, entre um centro de investigação científica e um festival de música moderna, foi anunciada a 15 de Maio, no IGC. Sobre a bolsa de investigação a ser atribuída, Álvaro Covões, responsável pela Everything Is New, adianta: “Esta parceria com o Instituto é muito interessante. Todos estamos conscientes de que temos de fazer algo para preservar o futuro (...) e, por isso, institutos como este são muito importantes. Cinquenta cêntimos de cada bilhete reverterão para financiar uma bolsa na área da biodiversidade.” Porquê a biodiversidade? “A diferença não é um direito, é um facto. Não há dois seres vivos iguais”, comentou António Coutinho, director do IGC. Saber mais sobre os mecanismos desta diversidade é a melhor maneira de a preservar.

Pelo meio, a investigação sobre a biodiversidade e o “charme” da profissão de cientista. E a música, claro. Muita e boa música (Rage against Machine, Bob Dylan, Neil Young...). Ponto de encontro: recinto do OptimusAliveo8, no Passeio Marítimo de Algés, dias 10, 11 e 12 de Julho, onde o IGC terá um espaço próprio.

Ainda neste dia, os cientistas e jornalistas participaram numa sessão de speed-dating, a antecipar o que se passará em Julho, nos três dias do festival: cinco minutos para conhecer um cientista, dentro e fora do laboratório. Segundo Maria João Leão, do IGC, “as conversas divertidas são um bom meio para promover o contacto directo entre os cientistas e o público, de uma forma descontraída, de forma a aproximar a ciência das pessoas, a promover a participação e contribuição activa da sociedade para o desenvolvimento da investigação científica em Portugal e a motivar os jovens para carreiras dentro da área”. ■

ENVELHECER BEM EM PORTUGAL

A próxima sessão do ciclo de conferências O Tempo da Vida, no âmbito do Fórum Gulbenkian de Saúde 2008/2009, está marcada para 16 de Junho e é dedicada ao envelhecimento em Portugal. O debate incidirá sobre as doenças da velhice e as políticas de saúde necessárias para prolongar a vida com mais qualidade. A sustentabilidade da segurança social numa população cada vez mais idosa, não só no que respeita estritamente ao seu financiamento, mas também no assumir de um compromisso solidário por uma sociedade responsável, é outra das preocupações que estará em foco. Durante a manhã, o colóquio é presidido por João Lobo Antunes, comissário do fórum, e conta com os oradores Anabela Mota Pinto (Instituto de Patologia Geral da Faculdade de Medicina da Universidade de Coimbra), Alexandre Mendonça (Instituto de Medicina Molecular da Faculdade de Medicina da Universidade de Lisboa), e Maria do Céu Machado (Alto Comissariado da Saúde). Da parte da tarde, caberá a António Barreto presidir à mesa e a Maria José Nogueira Pinto comentar as intervenções de Nicholas McKinlay (Fundação Aga Khan Portugal), António Manuel Godinho da Fonseca (Faculdade de Educação e Psicologia da Universidade Católica Portuguesa do Porto), e Fernando Ribeiro Mendes (Instituto Superior de Economia e Gestão). A encerrar, os actores Eunice Muñoz e Ruy de Carvalho – que também é Presidente da Comissão Nacional para o Ano Internacional das Pessoas Idosas – darão os seus testemunhos sobre *A Arte de Envelhecer*. ■

WWW.COLOQUIO.GULBENKIAN.PT

COLÓQUIO

Letras

PESQUISA

Permite explorar a revista *Colóquio/Letras* desde o primeiro número, exaustivamente analisada e indexada numa diversidade de perspectivas.

SUMÁRIOS

Consulta de sumários por anos.

HISTÓRIA

Apresentação da revista *Colóquio/Letras*, criada em 1971.

ACTUALIDADE

Textos inéditos.

INFORMAÇÃO E CONTACTOS

Redacção e administração, distribuição e assinaturas.

Sobre este site

Comentários e sugestões



© Fundação Calouste Gulbenkian, 2006-2008

O site da revista *Colóquio/Letras* foi oficialmente apresentado em Maio último. Todas as suas edições, desde o lançamento do primeiro número, em 1971, podem ser consultadas *on-line*, graças a um extenso trabalho de digitalização e catalogação desenvolvido durante mais de dez anos em conjunto com a Biblioteca de Arte da Fundação Gulbenkian. O site já estava disponível desde o ano passado em fase experimental, tendo obtido até agora cerca de mil visitas por dia, sobretudo oriundas do Brasil, de acordo com Joana Varela, directora da *Colóquio/Letras* desde 1996. Entre muitas outras funcionalidades, o site dá acesso aos sumários da revista — com as suas secções de ensaio, documentos, criação literária e crítica — e permite, por exemplo, a pesquisa por autores estudados e por colaboradores. Apesar dos estudiosos de literatura de expressão portuguesa constituírem o público-alvo da revista, o projecto para a Internet foi concebido para um público mais abrangente, acompanhando as novas tecnologias de informação. ■



BIBLIOTECAS ITINERANTES NASCERAM HÁ 50 ANOS

Há cinquenta anos, precisamente em Maio de 1958, quinze carrinhas Citroën estiveram expostas na Praça Luís de Camões, em Lisboa, numa cerimónia que contou com a presença do então ministro da Educação Nacional e de José de Azeredo Perdigão, o primeiro presidente da Fundação. Nascia, assim, uma das iniciativas mais marcantes da Fundação, a das bibliotecas itinerantes, e que consistia numa ideia simples e extremamente eficaz: equipar carrinhas com livros e fazê-las chegar a vários pontos de um país pobre, onde o contacto com o livro e a leitura eram praticamente inexistentes. Acesso livre às estantes, empréstimo domiciliário e serviço gratuito eram as regras de ouro deste projecto, idealizado por Branquinho da Fonseca, director do Serviço de Bibliotecas Itinerantes desde a sua criação até 1974, data da sua morte. Inicialmente limitada ao litoral, a rede de leitura alargou-se progressivamente, ao longo dos anos, a quase todo o território nacional, aumentando o número de carrinhas e de leitores. Um encarregado, com o apoio de um auxiliar, orientava o leitor nas suas escolhas, respeitando sempre o seu universo de interesses, sem nunca recusar ou impor alguma obra. Nomes como Alexandre O'Neill e Herberto Hélder contam-se entre os ilustres que desempenharam essa função nas bibliotecas.

Escrevia-se no primeiro número do Boletim Informativo dos Serviços de Bibliotecas da Fundação Calouste Gulbenkian, em Outubro de 1960, dois anos após o início desta iniciativa: “Lembramos uma velhinha de oitenta anos: resolveu ler toda a colecção de Júlio Verne, conscienciosamente, do primeiro ao último volume. É extraordinário como se pode ter oitenta anos e um coração de jovem! Nunca é tarde para que a nossa imaginação acorde e, subitamente, descubra um mundo novo.

Lembramos esse alentejano que nunca tinha lido um livro, cavador rude, homem de enxada, que dois anos depois de iniciada a obra das Bibliotecas Itinerantes, discutia desenvoltamente connosco os romances de Camilo Castelo Branco e de Balzac.

Lembramos casos pitorescos: como o do garoto que queria ler o Noivado do Sepulcro, de Soares dos Passos. Mas o espanto geral logo se desfez: o rapaz era filho do coveiro da terra e o nosso poeta, sob determinado ponto de vista, dignificara uma profissão.

E há imagens que ficam na retina para sempre... centenas de garotos acolhendo com vivas a biblioteca à sua chegada... o desgosto de algumas crianças que ainda não sabem ler e cujos olhos se enchem de lágrimas... a expressão extasiada do pequeno que leu o seu primeiro conto de fadas... o grupo de pescadores da Nazaré correndo do barco para a Biblioteca, escorrendo água, cheirando a peixe, trazendo ainda no olhar a labuta da faina e o infinito azul do oceano...”

Em 1961 circulavam já pelo país 47 carrinhas, o número de leitores inscritos era de 250 mil e tinham sido requisitados 2,5 milhões de livros.

No número seis do mesmo Boletim, de 1962, um inspector das bibliotecas itinerantes, que tinha a seu cargo observar e zelar pelo bom funcionamento de todo o processo, explicava: “No carro-biblioteca há, em geral, cerca de dois mil volumes arrumados nas estantes. A arrumação obedece a um plano que facilita ao leitor a mais rápida procura; nas prateleiras de baixo, os livros para crianças; nas do meio, a literatura de ficção, de viagens, biografias, nas de cima, os livros menos procurados, de filosofia, poesia, ciência e técnica. Cumpridas breves formalidades de inscrição e requisição, os livros são emprestados por períodos de um mês, prorrogáveis.” A escolha era proporcionada não apenas entre os volumes



que o carro transportava, “mas entre quinze e vinte mil volumes que constituem a dotação de cada biblioteca itinerante. Outra possibilidade oferecida é a da requisição à sede das bibliotecas itinerantes, em Lisboa. No caso de o livro não existir nessa biblioteca a solicitação é apreciada e sempre que possível, satisfeita.”

Descreve assim alguns episódios que testemunhou:

“Olhava bem para este homem que pedia *Os Lusíadas*, 30 anos, barbeiro. Dá-lhe o livro, mas previne-o que a leitura oferece dificuldades. Mas há lá dificuldades para um barbeiro! Em todo o caso, diz-lhe que o poema está cheio de mitologia. Mitologia?! O homem desistiu e preferiu levar o *Amor de Perdição*. Era melhor para começar.”

E prossegue:

“Uma tarde chega ao carro-biblioteca um alentejano seguro de si e sério. Tirou o chapéu, entrou, e logo se dirige a certa prateleira donde tira um livro sobre Sampaio Bruno. O encarregado, cauteloso, pergunta-lhe a profissão. Trabalhador rural. O outro previne-o de que Sampaio Bruno era um filósofo e que os livros que escreveu obrigam a larga preparação e longa meditação. O homem não responde, não comenta, não diz nada, mas segura o livro nas mãos fortes. O encarregado continua, perplexo, a indicar outras possibilidades mais acessíveis de leitura. Por fim, calou-se. Então, o homem olha-o tranquilamente, põe o chapéu na cabeça e apenas diz: ‘Alguma coisa se há-de entender.’ E foi-se embora com o livro.”

Nas localidades mais centrais e integradas em organismos públicos, a Fundação foi criando bibliotecas fixas, enquanto as terras mais pequenas e periféricas continuaram a receber periodicamente as visitas regulares das bibliotecas móveis. Em 1972, a rede de bibliotecas itinerantes e fixas de Fundação totalizava, respectivamente, 62 e 166 unidades. Cerca

de 475 mil leitores requisitaram nesse ano, um total de seis milhões de livros.

Com o maior investimento do Estado nesta área e a gradual implementação de uma rede de bibliotecas pelo país, a Fundação ofereceu todo o acervo bibliográfico e documental das suas bibliotecas às autarquias, encerrando este programa em 2002.

Ao longo destes 44 anos de existência, a Fundação, através das suas bibliotecas, emprestou cerca de 97 milhões de livros a quase 29 milhões de leitores, espalhados por três mil e novecentas povoações.

Esgotado este modelo que iniciou e marcou gerações de leitores, a Fundação mantém, através do programa Gulbenkian da Língua Portuguesa, uma acção importante nesta área, promovendo concursos regulares de apoio às Bibliotecas Escolares e Públicas, bem como projectos e acções de formação ligados ao livro e à leitura. ■





African boy, concerto em Julho

DISTÂNCIA E PROXIMIDADE

O ANO DE TODAS AS CULTURAS

DESTAQUE

Em 2008, ano do diálogo intercultural, a criação do Programa Gulbenkian **Distância e Proximidade** pretende dar espaço à discussão pública sobre a Interculturalidade, interrogando as suas possibilidades e os seus limites, através de um conjunto de iniciativas que se inicia em Junho e se prolonga até Outubro. Já este mês, a partir do dia 21, encontramos no Jardim Gulbenkian uma instalação de toldos em tecido estampado, com desenhos encomendados a 14 artistas plásticos portugueses e estrangeiros: António Sérgio Moreira (Brasil), Celestino Mudaulane (Moçambique), Francisco Vidal (Cabo Verde/Portugal), Gabi Jiménez (França), Hakam Gursoytrak (Turquia), Kenya Evans (EUA), Marisa Vinha (Portugal), Nuno Valério (Portugal), Philomena Francis (Reino Unido), Rosana Paulino (Brasil), Santiago Cucullu (Argentina/EUA), Sergio Vega (Argentina/EUA), Wilson Shieh (Hong Kong/China) e Yonamine (Angola). No Jardim, os primeiros concertos vão realizar-se com a Orquestra Gulbenkian, dirigida pelo Maestro Muhai Tang. Com um programa concebido expressamente para esta ocasião, a Orquestra apresenta-se no Anfiteatro ao Ar livre da Fundação

Gulbenkian para dois concertos, a 21 e 22 de Junho, às 21h30 e 19h30, respectivamente. A 28 de Junho, às 21h30, sobem ao palco os Cacique 97, colectivo de músicos de origem moçambicana e portuguesa, que cruza o *afro-beat* com a tradição musical dos países lusófonos.

Em Julho, o Programa **Distância e Proximidade** organiza duas sessões de cinema, também no Anfiteatro ao Ar Livre: dia 4, às 22h00, é exibida a obra de Alain Resnais *Hiroshima Meu Amor* (1959); no dia seguinte, à mesma hora, será apresentado em estreia o filme *Tão Perto/Tão Longe*, que a Fundação Gulbenkian encomendou a vinte realizadores oriundos de várias regiões culturais. Cada curta-metragem que compõe o filme tem a duração de cinco minutos e conta a história de um objecto, figura, prática artística ou cultural. Em Julho, está ainda programado para o Anfiteatro ao Ar Livre o *beat* global e vibrante de Afrikan Boy, jovem nigeriano residente em Londres; e, a fechar o programa de concertos, vamos poder ouvir Arnaldo Antunes, músico e poeta, conhecido por ter feito parte dos Titãs, uma das mais importantes bandas da história do rock brasileiro.

PROGRAMA JUNHO

21, SÁBADO, A PARTIR DAS 9:00

INSTALAÇÃO DE TOLDOS NO JARDIM GULBENKIAN

21, SÁBADO | 21:30

22, DOMINGO | 19:30

ORQUESTRA GULBENKIAN NO ANFITEATRO AO AR LIVRE

MUHAI TANG, MAESTRO

Bright Sheng (China)

Red Silk Dance, Capriccio para Piano e Orquestra

Juhee Suh, Piano

Qigang Chen (China)

L'Éloignement, para Orquestra de Cordas

Toshio Hosokawa (Japão)

Variações para Sopros de Clarinete Solista

Tan Dun (China)

Death and Fire, Diálogo com Paul Klee

28, SÁBADO, 21:30

CACIQUE 97 NO ANFITEATRO AO AR LIVRE

Colectivo português de *afro-beat*

O seu último disco, *Qualquer*, dá o mote para a apresentação ao vivo.

Nos dias de espectáculo haverá Café Babelia, com a cafeteria do CAMJAP a oferecer refeições em horário alargado, das 10h00 às 18h00 e das 19h00 às 22h00. Em colaboração com a Associação de Imprensa Estrangeira em Portugal, vai realizar-se uma série de conversas informais sobre encontros e desencontros culturais.

O Programa **Distância e Proximidade** encerra-se, no final de Outubro, com a Conferência Gulbenkian, que se realiza anualmente e que, nesta edição, será dedicada ao tema da Interculturalidade. Para comissário foi convidado Arjun Appadurai, natural de Bombaim, onde também estudou. Actualmente estabelecido em Nova Iorque, é uma das personalidades que mais tem reflectido sobre as questões da violência cultural, do reconhecimento da diferença cultural como valor da modernidade e sobre as consequências da globalização.

O *download* da programação completa pode ser feito em www.gulbenkian.pt. ■





25 EDIÇÕES DE JAZZ EM AGOSTO



Takashi Iijima



Beat Presser

Criado em 1984, o Jazz em Agosto vai entrar este ano na sua 25ª edição, mantendo o espírito inovador e de abertura às novas ideias do jazz dos primeiros tempos. Surgindo no Verão, em Lisboa, numa época do ano em que não havia tradição de espectáculos, tornou-se um festival de referência do jazz nacional e internacional, nas suas múltiplas tendências de géneros e subgéneros, juntando talentos inovadores. Ao longo dos anos, passaram pelo Anfiteatro ao Ar Livre nomes como Sun Ra Arkestra, Dave Holland, Joe Lovano, Jan Garbarek Quartet, Ornette Coleman, Brandford Marsalis, Roy Haynes, Cecil Taylor, Bill Frisell, World Saxophone Quartet, Art Ensemble of Chicago, Anthony Braxton, Henry Threadgill, Jimmy Giuffre, George Russell ou Steve Laey, entre muitos outros.

Para assinalar a 25ª edição do Jazz em Agosto, a Fundação Calouste Gulbenkian desafiou a editora Clean Feed para um projecto em comum: a edição, em parceria, de alguns dos concertos das futuras edições do Festival, tendo sido ainda decidido recuperar três gravações com concertos realizados em anteriores edições.

Como escreve Rui Neves, director artístico do Jazz em Agosto: “É a riqueza do jazz de hoje, música urbana de um século e que não cessa de se transformar, provocando com frequência clivagens de apreciação, o que o Jazz em Agosto apresenta na sua extraordinária diversidade, capaz de suscitar a atenção e o enlevo das novas gerações que se vão sucedendo, unificando essas gerações de amadores e praticantes na sua própria diversidade de gostos, ampliando o seu número, num itinerário continuado de descoberta.” ■

PROGRAMA

1 DE AGOSTO

OTOMO YOSHIHIDE NEW JAZZ ORCHESTRA

FEATURING AXEL DÖRNER, COR FUHLER, MATS GUSTAFSSON (JAPÃO, ALEMANHA, PAÍSES BAIXOS, SUÉCIA)

Anfiteatro ao Ar Livre | 21h30

O. Yoshihide (condutor, guitarra), Kahimi Karie (voz), Kenta Tsugami (sax alto, soprano), Alfred Harth (sax tenor, clarinete baixo), Mats Gustafsson (sax tenor), Sachiko M (sinewaves), Kumiko Takara (vibraphone), Hiroaki Mizutani (contrabaixo), Yasuhiro Yoshigaki (bateria, trompete), Axel Dörner (trompete), Masahiko Okura (sax alto, clarinete baixo, carrilhão), Taisei Aoki (trombone), Cor Fuhler (piano), Ko Ishikawa (sho), Taku Unami (objectos), Yoshiaki Kondoh (desenho som)

2 DE AGOSTO

ERIC DOLPHY: LAST DATE / 92', 1991
FILME DOCUMENTAL DE HANS HYLKEMA
SESSÃO COM A PRESENÇA DO REALIZADOR

Auditório 2 | 18h30

Partindo da presença de Eric Dolphy nos Países Baixos em 2 de Junho de 1964 - falecido tragicamente em Berlim em 29 de Junho - numa sessão inesquecível de gravação para a rádio em Hilversum, com Misha Mengelberg, Han Bennink e Jacques Schols, consagrada em disco, Hans Hylkema ensaiou e realizou uma biografia/retrato sob a égide de Thierry Brunneau, constituindo um valioso documento filmico sobre este inovador do jazz.

SATOKO FUJII MIN-YOH ENSEMBLE (JAPÃO, EUA)

Anfiteatro ao Ar Livre | 21h30

S. Fujii (piano), Natsuki Tamura (trompete), Curtis Hasselbring (trombone), Andrea Parkins (acordeão)

3 DE AGOSTO

A BOOKSHELF ON TOP OF THE SKY/12 STORIES ABOUT JOHN ZORN / 82', 2002
FILME DOCUMENTAL DE CLAUDIA HEUERMANN
SESSÃO COM A PRESENÇA DA REALIZADORA

Auditório 2 | 15h30

Entrevistando, presenciando e documentando a multiplicidade de Zorn - Cobra, Masada, Naked City - em ensaios, performances e sessões de estúdio, esta original biografia de Claudia Heuermann e que conquistou vários prémios, revela a sua legítima admiração por um dos músicos determinantes da actualidade, aplicando técnicas próprias de *editing* num filme elaborado ao longo de dez anos e que é o mais raro documento até hoje feito sobre o saxofonista.

PAAP (JAPÃO)

Auditório 2 | 18h30

Inada Makoto (contrabaixo, voz), Katori Koichiro (piano, acordeão, voz), Mizutani Yasuhisa (sax soprano, clarinete, flauta, percussão)

JOHN ZORN / FRED FRITH (EUA, RU)

Anfiteatro ao Ar Livre | 21h30

John Zorn (sax alto), Fred Frith (guitarra eléctrica)

7 DE AGOSTO

MISHA MENGELBERG AFDJN / 80', 2006
FILME DOCUMENTAL DE JELLIE DEKKER E DICK LUCAS
SESSÃO COM A PRESENÇA DOS REALIZADORES

Auditório 2 | 18h30

Luminoso e truculento filme sobre Misha Mengelberg, patriarca da Dutch Scene, exaltando a sua história pessoal desde que nasceu em Kiev (1935), filho de diplomata e colocando em questão a irreverente atitude dadaísta que o caracteriza, apresentando-o em múltiplos estados: a Instant Composers Pool (Jazz em Agosto 2000), o seu gato 'tocando' piano, improvisando com o seu papagaio e as cumplicidades com Han Bennink, Dave Douglas e Anthony Braxton.

TAYLOR HO BYNUM SEXTET (EUA)

Anfiteatro ao Ar Livre | 21h30

T. Ho Bynum (corneta), Matt Bauder (sax tenor, clarinete, clarinete baixo), Mary Halvorson (guitarra eléctrica), Evan O'Reilly (guitarra eléctrica), Jessica Pavone (viola, baixo eléctrico), Tomas Fujiwara (bateria)

8 DE AGOSTO

MESA-REDONDA THE CHANGING SCENE
Moderação de Bill Shoemaker
Participação de Barre Phillips, Joe McPhee, Taylor Ho Bynum, Mary Halvorson
Auditório 3 | 15h30

Bill Shoemaker, importante crítico e pensador do jazz, modera uma mesa-redonda colocando questões pertinentes a músicos escolhidos, representando gerações e tendo em consideração aquilo que Marion Brown, músico inovador, denominou como 'a economia política do jazz', de modo a enriquecer pontos de vista que se deparam à prática musical do jazz neste princípio do séc. XXI para, posteriormente, o resultado ser publicado no jornal *on-line* Point of Departure que dirige.

MEMORIZE THE SKY (EUA)

Auditório 2 | 18h30

Matt Bauder (sax tenor, clarinete, clarinete baixo, percussão), Zach Wallace (contrabaixo, vibrafone, percussão), Aaron Siegel (tarola, bombo, percussão)

SYLVIE COURVOISIER LONELYVILLE (SUIÇA, FRANÇA, JAPÃO, EUA)

Anfiteatro ao Ar Livre | 21h30

S. Courvoisier (piano), Mark Feldman (violino), Vincent Courtois (violoncelo), Ikue Mori (laptop), Gerald Cleaver (bateria)

9 DE AGOSTO

FRITZ HAUSER (SUIÇA)

Auditório 3 | 15h30

Percussão

PASCAL CONTET / BARRE PHILLIPS (FRANÇA, EUA)

Auditório 2 | 18h30

Pascal Contet (acordeão), Barre Phillips (contrabaixo)

PETER BRÖTZMANN CHICAGO TENTET (ALEMANHA, EUA, SUÉCIA, NORUEGA)

Anfiteatro ao Ar Livre | 21h30

Peter Brötzmann (clarinete, taragot, sax alto e tenor), Mats Gustafsson (sax barítono, slide sax), Ken Vandermark (clarinete, sax tenor e barítono), Joe McPhee (trompete, sax alto), Johannes Bauer (trombone), Jeb Bishop (trombone), Per Ake Holmlander (tuba), Fred Longberg-Holm (violoncelo), Kent Kessler (contrabaixo), Paal Nilssen-Love e Michael Zerang (bateria)



PROGRAMA DE “SMALL GRANTMAKING” EM TIMOR

A Fundação Gulbenkian e a Fundação Alola iniciaram, há dois anos, uma parceria para a implementação, em Timor-Leste, de um programa de micro-subsídios (*small grant-making*) destinados a viabilizar pequenos projectos na área da saúde, em especial no domínio materno-infantil, promovidos por associações locais. O valor dos financiamentos varia entre 500 e 5000 dólares.

Entre os vários projectos distinguidos, contam-se acções de educação junto de escolas, para fomento de comportamentos saudáveis e de prevenção de doenças de grande incidência, como a malária e as doenças diarreicas; acções de rastreio de doenças como a tuberculose, a diabetes, as anemias, a hipertensão, especialmente em mulheres grávidas; campanhas de reforço nutricional através da distribuição de vitaminas; a realização de *workshops* sobre assuntos ligados à saúde feminina, ao aleitamento materno, ao planeamento familiar e à prevenção do HIV; um programa semanal de rádio que visa a educação para a saúde e acções de promoção nutricional onde, pela primeira vez, as mulheres descobriram que frutas que até aí serviam para alimentar os porcos, como a papaia e a manga, são excelentes para as crianças. ■

BIBLIOTECA VIRTUAL DE SAÚDE EM SÃO TOMÉ E PRÍNCIPE

Uma parceria entre a Fundação Calouste Gulbenkian e a Organização Mundial de Saúde (OMS) deu origem à primeira Biblioteca Virtual de Saúde em São Tomé e Príncipe. Esta é uma iniciativa do projecto *eHealth* da OMS, no âmbito da rede ePORTUGUÊS, e tem como principal objectivo a criação de uma rede de fontes de informação na área da Saúde nos Países CPLP, através da implementação do modelo de Bibliotecas Virtuais de Saúde desenvolvido pela BIREME (Centro Latino-Americano e do Caribe de Informação em Ciências da Saúde) em São Paulo, Brasil.

Esta Biblioteca possibilitará o acesso a informação em saúde de forma estruturada, dando visibilidade a conteúdos de qualidade disponíveis em língua portuguesa, contribuindo para a capacitação das instituições de saúde neste país.

O financiamento da Fundação destina-se sobretudo à formação de profissionais na área da saúde e da informação, que terão a seu cargo o desenvolvimento, uso e manutenção da Biblioteca Virtual de Saúde em São Tomé e Príncipe. ■

MAIS COOPERAÇÃO COM SÃO TOMÉ NA ÁREA DA EDUCAÇÃO

No âmbito do Protocolo de Cooperação celebrado em 2005, entre a Fundação Calouste Gulbenkian e o Ministério da Educação, Cultura, Juventude e Desporto de São Tomé e Príncipe, foi assinado um Memorando de Entendimento entre as duas partes, que integra uma avaliação do trabalho realizado até agora e onde ficam estabelecidas as principais áreas de intervenção a promover nos próximos anos, com especial incidência na reforma do ensino básico, na valorização de recursos humanos e no reforço institucional. O documento estabelece ainda as responsabilidades entre cada uma das partes, bem como as modalidades de coordenação e acompanhamento das actividades desenvolvidas.

A Fundação Gulbenkian continuará a apoiar a produção de manuais escolares para o ensino básico, completando o ciclo com a elaboração e testagem dos manuais para as 5ª e 6ª classes. O Protocolo foi assinado no mês passado por Mariana Ruth Leal, ministra da Educação de São Tomé e Príncipe, e por Eduardo Marçal Grilo, administrador da Fundação. ■

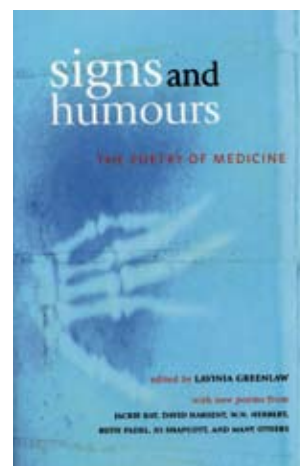
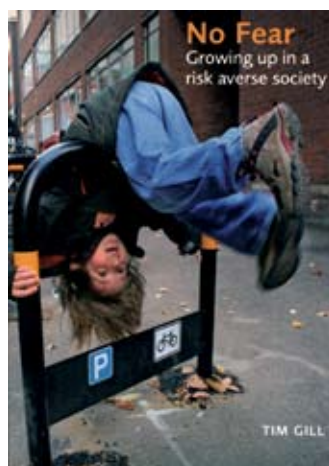
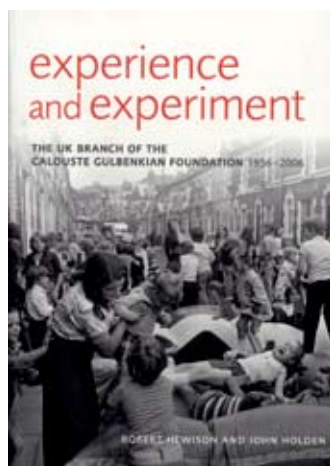
INÍCIO DO RESTAURO DA CATEDRAL DE CALECUTE

O exterior da catedral da diocese de Calecute, na Índia, já começou a ser recuperado numa intervenção de restauro apoiada pela Fundação Calouste Gulbenkian, no âmbito das acções de recuperação e preservação do património histórico de origem portuguesa no estrangeiro. Além da componente financeira, a Fundação colabora ainda através de orientação técnica do arquitecto Hélder Carita. A igreja sofreu diversas vicissitudes ao longo dos séculos, incluindo acções de vandalismo sobre os objectos de culto, para além de intervenções no edifício que deixaram poucos vestígios da traça original. No entanto, são visíveis elementos de nítida influência portuguesa. Os trabalhos deverão ficar concluídos dentro de um ano. ■

NOVA PÁGINA DA FUNDAÇÃO NA INTERNET

O endereço é o mesmo, www.gulbenkian.pt, mas a página foi renovada. A partir de agora, pode aceder a todos os conteúdos da Fundação Gulbenkian de uma forma mais acessível e organizada, com possibilidade de utilizar novas ferramentas – o vídeo, o rss, o *download* de imagens e da agenda no Outlook. Mais dinâmica, com um novo campo de pesquisa, com conteúdos alterados ao minuto, esta página também precisa da colaboração de quem a consulta. Agradecemos as suas sugestões *on-line* ou para o Serviço de Comunicação através do *email* comunicacao3@gulbenkian.pt. ■





EDIÇÕES DO UK BRANCH DISPONÍVEIS EM PORTUGAL

Cerca de vinte títulos editados na última década com o apoio da Delegação da Fundação Gulbenkian no Reino Unido (UK Branch) estão, a partir de agora, à venda na livraria da sede da Fundação, em Lisboa. Estas publicações, em língua inglesa, abrangem uma grande variedade de assuntos e registos, desde estudos comparativos na área da educação, com foco na realidade britânica, até antologias de poemas inspirados pela defesa do meio ambiente. Destaques:

- *Experience and Experiment*, da autoria de Robert Hewison e John Holden, dois dos melhores comentadores de cultura no Reino Unido, foi editado em 2006, por ocasião das comemorações do cinquentenário da Fundação Gulbenkian e dá conta da história e do impacto das actividades do UK Branch nas políticas sociais, culturais e de educação naquele país.
- *No fear. Growing up in a risk averse society*, com nova edição de 2007, é um contributo para o debate cada vez mais animado sobre a forma como a infância é vivida no Reino Unido. Escrito por Tim Gill, investigador e colaborador de jornais de referência, o livro defende que a infância está a ser minada pelo aumento da aversão ao risco e da sua intrusão em todos os aspectos da vida das crianças, limitando a liberdade de movimentos, a relação com os adultos e a exploração dos mundos físico, social e virtual.
- *Signs and Humours. The Poetry of Medicine*, de 2007, reúne poemas escritos nos últimos dois mil anos que põem em evidência uma das mais básicas preocupações humanas: o corpo. Alguns destes poemas foram encomendados propositadamente para este volume e resultam de discussões com cientistas e especialistas sobre práticas biomédicas contemporâneas e as patologias do nosso tempo. ■

HISTÓRIA DO ENSINO EM PORTUGAL DESDE A FUNDAÇÃO DA NACIONALIDADE ATÉ AO FIM DO REGIME DE SALAZAR-CAETANO (4ª EDIÇÃO) RÓMULO DE CARVALHO

Para o autor desta obra, publicada pela primeira vez em 1985, «a história do ensino de uma nação é um capítulo da sua história política». Rómulo de Carvalho elaborou um trabalho que apresenta uma visão global sobre o ensino em Portugal, no decurso dos séculos, partindo de uma vasta bibliografia que reunia cerca de setecentos títulos, focando aspectos pontuais da actividade pedagógica portuguesa desde os primórdios da nacionalidade, além do material arquivístico, das publicações oficiais sobre o ensino, dos Diários do Governo e dos Diários das Sessões Parlamentares. ■



A ESCOLA E O FUTURO DO MUNDO RURAL

ABÍLIO JOSÉ MAROTO AMIGUINHO

A presente tese toma como objectivo educativo, social e político as escolas do 1º Ciclo do Ensino Básico e, em particular, as de menor dimensão. Incide sobre uma intervenção sócio-educativa de mais de 12 anos e ainda em desenvolvimento, na Região do Nordeste Alentejano, no Sul de Portugal, que colocou aquelas estruturas escolares no seu centro, que colocou aquelas estruturas escolares no seu centro, assim como os contextos em que se inserem. ■

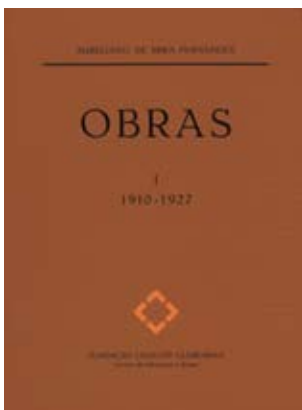


HISTÓRIA E ANTOLOGIA DA LITERATURA PORTUGUESA

VOLUME III – SÉCULO XVII

COORDENAÇÃO CIENTÍFICA DE ISABEL ALLEGRO DE MAGALHÃES

Compilação dos boletins culturais da História e Antologia da Literatura Portuguesa, distribuídos regularmente desde 1997 nas Bibliotecas Gulbenkian e aos leitores do Jornal de Letras. O Volume III reedita os fascículos do nº 28 ao nº 37, relativos à literatura portuguesa do Século XVII. ■



AURELIANO DE MIRA FERNANDES

OBRAS I, 1910-1927

COORDENAÇÃO EDITORIAL DE NUNO CRATO

O Professor Mira Fernandes, um dos maiores matemáticos e homens de ciência portugueses do século XX, marcou gerações de estudantes e, nos anos 40, tentou que Portugal entrasse na modernidade da investigação matemática internacional. Este é o primeiro de vários volumes que reúnem todos os seus trabalhos de carácter académico, reproduzidos em fac-símile, excepto apontamentos de aulas, manuscritos ou outros textos que possam ter sido considerados inadequados para publicação, pelo autor. ■

PARA BREVE

A Cidade de Deus, II e III Volumes, 3ª Edição, de Santo Agostinho

Acerca do Infinito do Universo e dos Mundos, 5ª Edição, de Giordano Bruno

A Teoria da Aprendizagem Musical para Recém-Nascidos e Crianças em Idade Escolar, 3ª Edição, de Edwin Gordon

ESTUDAR AS MIGRAÇÕES NO ORIENTE

Maria do Rosário Tique *

42 anos

Área: Sociologia

UM ROSTO DA SOCIOLOGIA

QUE PESQUISA A LEVOU À AUSTRÁLIA?

O contacto com os timorenses de origem chinesa teve início quando trabalhei em Timor, entre 2000 e 2002. Despertou-me a atenção a forma como os timorenses se referiam a eles como *sina-timor*, diferenciando-os dos *sina-malae* (termo *tétum* para os chineses estrangeiros), implicando ao mesmo tempo uma diferenciação e um reconhecimento. Recordavam também uma espécie de período dourado da história dos chineses em Timor, de casamentos entre famílias ricas, festas sumptuosas e banquetes requintados. Depois de várias gerações em Timor (onde alguns se estabeleceram muito antes dos portugueses) a cultura destes chineses é sem dúvida híbrida, mistura de elementos portugueses, chineses e timorenses. Saber o que acontecera a esta comunidade trouxe-me a Melbourne, onde a maioria dos timorenses tem origem chinesa. Na Austrália, um país multicultural, onde podem expressar livremente a sua pertença, identificam-se como chineses ou como timorenses? Será verdade, como afirmam alguns, que só agora estão a começar a ser chineses? E é também esta uma das clivagens dentro da comunidade: alguns consideram-se “pouco chineses”, e procuram uma espécie de purificação de costumes. Outros parecem perfeitamente à vontade dentro dessa hibridiz. Alguns, numa afirmação sobretudo política, fazem questão em identificar-se como timorenses. Para os chineses que permaneceram ou que pretendem voltar a Timor, numa democracia tão jovem, é mais fácil “ser” timorense. Afinal, a afirmação que se ouve ali repetidamente de que “agora somos todos timorenses” pode não ser facilmente compatível com a aceitação de diferenças.

COMO SE PROCESSA O TRABALHO DE CAMPO?

O trabalho de campo é para mim a fase mais interessante do processo de interpretar outra cultura. Mas somos sempre um elemento estranho, estrangeiro. Só após dois meses em Melbourne começo a sentir alguma aceitação. Talvez porque agora vivo na comunidade, em Richmond, num bairro social ou *Housing Estate*, habitado por refugiados e imigrantes chineses, vietnamitas e timorenses. Aqui é difícil evitarem-me e, para mim, é fácil esquecer-me de que estou na Austrália. Mas os chineses-timorenses são geralmente muito afáveis e insistem em falar português, muitos de forma



surpreendentemente correcta. Neste momento preparam o Dia da Mãe, uma das celebrações mais importantes, e a celebração da independência de Timor. Regressar a Timor não é uma preocupação. Na última festa em que estive presente, um casamento com cerca de 800 convidados chineses-timorenses, o presidente de uma das associações (que esteve “quase, quase, quase a casar com uma portuguesa”), perante a sumptuosidade da festa, pergunta-me num tom irónico, como quem espera a resposta óbvia: “Maria, achas que eles querem voltar para Timor?”, resposta à pergunta que lhe tinha feito alguns dias antes, sobre a vontade do regresso. O que me recorda uma senhora timorense que se recusa a falar comigo em *tétum*, dizendo: “O *tétum* faz-me depressão.” É que saiu há quase quarenta anos de Timor, que agora é um “lugar de tristeza” – e ela, como os chineses de Timor, já suportaram demasiadas tristezas. A relação pacífica com os “meus” chineses só dura até que tento fazer uma entrevista formal, sobretudo se for gravada; aí, com algumas excepções, volto a ser um demónio estrangeiro... Mas não vou desesperar. Afinal, parece que há dez mil chineses-timorenses em Melbourne. Falta saber qual foi o critério utilizado para estabelecer a fronteira entre quem é timorense e quem é chinês-timorense...

MATÉRIA INTERESSANTE PARA UM TRABALHO ACADÉMICO...

Matéria para um doutoramento em Sociologia das Migrações pela Universidade Aberta (co-orientação da Universidade de Sydney). A história migratória desta população, nómada na própria China (onde os *hakka* são designados em mandarim por *kejiaren*, ou seja, “hóspedes”), imigrante em Timor e, após 1975, dispersa por Portugal, Macau, Hong Kong, Taiwan, Indonésia e Austrália, com todas as dificuldades e estratégias de sobrevivência inerentes a esses movimentos, despertou-me o interesse por questões da integração de refugiados e imigrantes, que espero faça parte da minha vida profissional após o doutoramento. ■

* bolseira do Serviço de Educação e Bolsas na Universidade de Sydney, Austrália

COMEÇAR DE NOVO

Paolo Marinou-Blanco*

35 anos

Área: Cinema

UM ROSTO DO CINEMA

FAZ-NOS UM BREVE FLASH-BACK DA SUA VIDA ATÉ HOJE?

Após ter completado o liceu francês em Lisboa, fui para Londres onde terminei uma licenciatura em Filosofia e História na London School of Economics, seguido de um mestrado em Literatura Francesa na University College London. Ingressei depois num doutoramento na mesma universidade, estudando os paralelos entre a filosofia budista e a literatura francesa do século XX. Após ter completado o primeiro ano, decidi seguir o que era um sonho de longa data, o cinema. Entrei para o mestrado em realização da Tisch School na New York University (NYU), onde pude completar os três anos do mestrado. Seguiu-se um estágio em realização com Spike Lee, no filme *Sucker Free City*, e o cargo de 1º assistente de realização no filme brasileiro *Sonhos de Peixe* (Cannes 2006). Regressei a Portugal e, em 2007, escrevi e realizei a minha primeira longa-metragem, *Goodnight Irene*.

O QUE DESTACA DA EXPERIÊNCIA NOVA-IORQUINA?

No meu primeiro dia na Tisch conheci uma jovem americana que estava no terceiro ano do mestrado que eu estava prestes a começar. Olhou para mim com olhos arregalados e disse-me que os três anos na NYU tinham sido os mais intensos da sua vida, que a mudaram por completo. Céptico em relação ao impacto que qualquer instituição pode ter sobre um indivíduo, achei a atitude exagerada, e concluí que, por mais feliz que estivesse por poder frequentar a NYU, tal “revolução pessoal” não iria acontecer comigo.

Enganei-me. Foram, de facto, três dos anos mais intensos da minha vida, a todos os níveis. Vários factores contribuíram para isto: a pequena comunidade de estudantes, vindos de todas as partes do mundo (do Chile ao Japão), mas unidos por um fascínio, quase obsessão, pelo cinema, como se tivéssemos esquecido as nossas vidas até àquele momento e estivéssemos a começar de novo.

Depois, o ritmo frenético de trabalho criou uma cumplicidade criativa e pessoal dentro desta “comunidade”, que perdura até hoje. Para além da parte curricular do mestrado, cerca de 40 horas semanais, trabalhávamos na maioria das curtas-metragens uns dos outros, exercendo funções diferentes. A união constante do ensino teórico à experiência prática foi uma das dádivas mais valiosas da NYU.



Finalmente, a qualidade do ensino e a postura dos membros da faculdade face aos alunos (em particular, professores como Boris Frumin e Yvette Biro) foram também dos aspectos mais memoráveis. Os professores eram muito acessíveis, até de um modo informal. No entanto, a postura face aos alunos era de exigir mais e melhor, constantemente. Nunca nos permitiram ficar facilmente satisfeitos com o nosso trabalho e mostravam-nos sempre um caminho que permitia progredir ainda mais. Esta exigência constante continua presente no nosso trabalho.

PODE FALAR-NOS DA SUA PRIMEIRA LONGA-METRAGEM, QUE ESTREOU NO MÊS DE MAIO?

Goodnight Irene é um filme sobre a amizade, a solidão, e sobre como nos debatemos com a passagem do tempo. O filme segue a amizade criada entre Alex (desempenhado pelo actor britânico Robert Pugh) e Bruno (Nuno Lopes), através de uma mulher, Irene (Rita Loureiro).

Alex é um actor inglês falhado, velho e solitário, que grava narrações para vídeos turísticos e se embebeda até adormecer. Bruno é um jovem e recatado serralheiro que se dedica à sua obsessão: lutar contra a passagem do tempo, invadindo casas de estranhos para fazer “registos” das suas vidas, que depois guarda num arquivo nas traseiras da sua loja. Ambos partilham uma obsessão por Irene, uma atraente pintora, que tem toda a paixão pela vida que a eles lhes falta. Mas um dia Irene desaparece, sem deixar rasto...

Alex e Bruno unem forças para descobrir o que lhe aconteceu, e à medida que procuram pistas no apartamento de Irene, vão-se instalando aos poucos e uma verdadeira amizade nasce entre estes dois homens solitários. Quando descobrem que Irene poderá estar em perigo em Espanha, este dois heróis improváveis decidem salvá-la...

* bolseiro do Serviço de Belas-Artes na Tisch School of Arts, New York University

TAÇA DE FAIANÇA, PÉRSIA

No final do século VIII, uma das importantes inovações dos oleiros da Mesopotâmia – o processo de decoração da cerâmica conhecido como “reflexo metálico” – expandiu-se rapidamente por todo o mundo islâmico e está patente em notáveis exemplares da Pérsia do período seljúcida (1038-1194), como também da Síria do período ayyúbida (1169-1260), em loiças e azulejos da Coleção Calouste Gulbenkian.

Trata-se de uma técnica complexa e dispendiosa, executada apenas nos grandes centros urbanos. As peças eram sujeitas a duas cozeduras sendo a primeira em atmosfera oxidante e a segunda, após a decoração pintada com pigmentos metálicos (cobre ou prata) a uma temperatura inferior, em forno de redução. A privação de oxigénio permitia a transformação dos óxidos em minúsculas partículas de metal que se depositavam na superfície e conferiam um brilho metálico às peças. No tratado de Abu'l Qasim, descendente de uma família de oleiros de Caxã, encontram-se anotados não apenas os processos de fabrico, mas também a composição das pastas dos objectos cerâmicos medievais, nomeadamente da cerâmica minai e de reflexo metálico. Trata-se de um dos raros contributos para o estudo da cerâmica medieval, datado de 1301 e descoberto há poucos anos.

Esta taça em técnica de reflexo metálico, decorada em estilo miniatural, apresenta no fundo um medalhão com arabescos, em redor do qual se desenvolve um cortejo de seis cavaleiros, alternando com ciprestes de copa enxaquetada. Uma das



figuras, sentada, provavelmente o encomendador, parece assistir à cena. Junto à borda, no interior, podem ver-se caracteres cúficos e no exterior um friso de caracteres em caligrafia *naskhi*.

Uma taça muito semelhante, quer na forma quer na decoração, está patente na exposição *A Educação do Príncipe. Obras primas da Coleção do Museu Aga Khan*, até 6 de Julho de 2008. A diferença principal consiste na representação nas paredes da taça de um cortejo de camelos, em vez de cavaleiros. Este tipo de peças pode ser comparado às loiças figurativas com decoração *minai* inspiradas na arte do livro e que evocam, geralmente, cenas de corte e, excepcionalmente, ilustram também episódios do Livro dos Reis, *Shahnama*. As cenas são tratadas num estilo monumental ou em escala reduzida, em estilo miniatural, tal como a que é retratada nesta taça. Em geral, na cerâmica, estas cenas são puramente decorativas. São raros os manuscritos desta época que chegaram aos nossos dias, pelo que este tipo de cerâmica constitui um testemunho do que deverá ter sido a arte da miniatura nesse tempo. ■ **Maria Queiroz Ribeiro**

*Taça de faiança de reflexo metálico
Pérsia, final do século XII-início do século XIII
Ø 16,7cm
Inv.893*



'85 NEW WAVE : THE BIRTH OF CHINESE CONTEMPORARY ART

A capital chinesa encontra-se em contagem decrescente para a inauguração dos próximos Jogos Olímpicos. A sua realização implicou a gigantesca e profunda renovação urbanística e arquitectónica de Beijing, transformada na face da nova e moderna China que as autoridades chinesas desejam mostrar ao mundo e da qual a bicicleta foi, definitivamente, banida. O grande impulsionador das reformas políticas e económicas que permitiram a abertura do regime comunista chinês à economia de mercado e à cultura ocidentais foi o antigo dirigente do Partido Comunista Deng Xiaoping, a partir da morte de Mao, em 1976. Nos anos seguintes, a China entrou num processo dinâmico de mudança ao nível político, económico, social e cultural. No campo das artes visuais, os artistas ousaram então exprimir-se publicamente contra as imposições da Revolução Cultural, responsável pela sua situação de isolamento em relação às correntes e movimentos artísticos internacionais. Logo em 1979, surgiu o grupo Star, cujos membros foram os primeiros artistas a mostrar as suas obras fora do circuito oficial, e, durante a década de 1980, outros emergiram na cena artística chinesa. Foram anos de experimentação plástica, de descoberta das vanguardas europeias do século XX e de criação livre dos condicionalismos que a tinham limitado a visões heróicas do quotidiano radioso de operários, camponeses e soldados. Os anos de 1985 e 1989 são apontados como decisivos na arte contemporânea na China: 85 porque, em consequência do abrandamento da censura, surgiram numerosos grupos de artistas, como o Zero Group, que demonstraram uma consciência política e social do seu papel; um pouco por todo o país realizaram-se exposições de arte – em Beijing, expuseram-se trabalhos de jovens artistas de vanguarda do movimento '85 New Wave – e publicou-se pela primeira vez a revista intitulada *Fine Art in China*. O ano de 89 é marcado pela exposição *China/Avant Garde*, que reuniu na National Gallery os trabalhos (incluindo instalações e *performances*)

de 185 artistas de toda a China, e pela exposição *Les Magiciens de la Terre*, realizada em Paris, em que foram incluídas obras de três artistas chineses contemporâneos. Politicamente, este ano foi marcado pelas reivindicações estudantis de mais liberdade de expressão, violentamente esmagadas pelos tanques do regime, em Junho, na praça Tiananmen. A partir de meados da década de 1990, a popularidade e o valor de mercado dos trabalhos dos artistas chineses no panorama artístico internacional aumentaram exponencialmente, surgindo então importantes colecções particulares. Uma delas, composta por mais de 1500 peças reunidas pelo milionário belga Guy Ullens, veio a originar a abertura, em Novembro passado, em Beijing, do Ullens Centre for Contemporary Art (UCCA), instituição sem fins lucrativos que pretende ser uma plataforma de divulgação, educação e diálogo da arte chinesa contemporânea. A exposição inaugural – *'85 New Wave: The birth of Chinese Contemporary Art* – mostrou 137 peças de pintura, fotografia, vídeo e instalação, de 30 artistas (Wang Guangyi, Xu Bing e Huang Yongping, entre outros). No catálogo, que pode ser consultado na Biblioteca de Arte, o seu curador, Fei Dawei, afirma que esta exposição permitiu aos artistas chineses “ganharem uma outra perspectiva sobre a situação actual e repensar o significado da arte”. ■ **Ana Barata**

TÍTULO/ RESP *'85 New Wave: the birth of Chinese contemporary art*

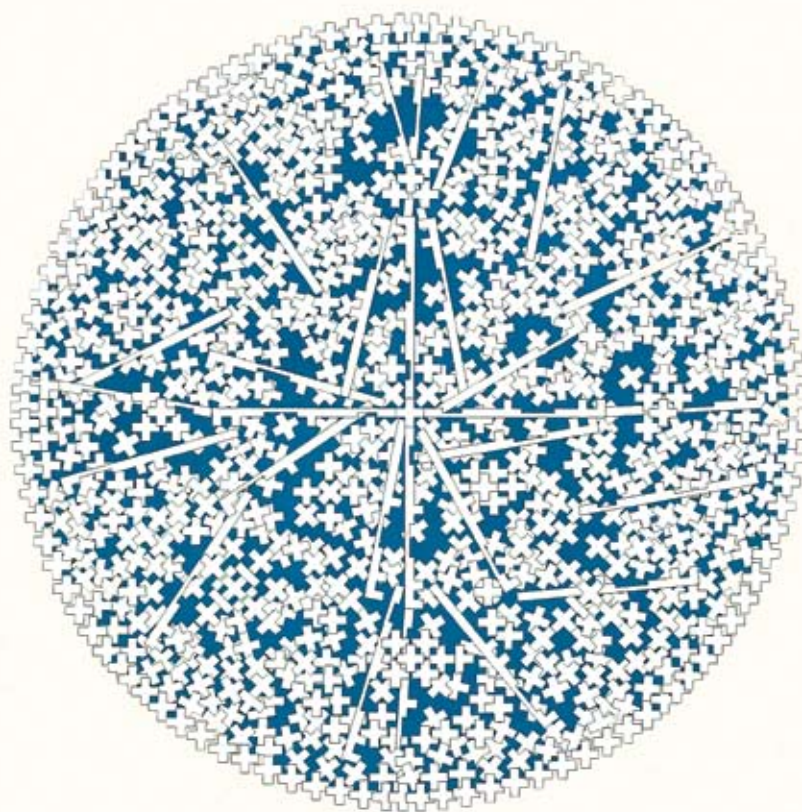
PUBLICAÇÃO *Beijing : Ullens Center for Contemporary Art, 2008*

DESCR. FÍSIC 299 p. : il. color. ; 35 cm + 1 brochura

NOTAS *Obra publicada por ocasião da exposição patente no UCCA - Ullens Center for Contemporary Art, Beijing (China), de 5 de Nov. de 2007 a 17 de Fev. de 2008. Contém dados biográficos dos artistas representados.*

ISBN 978-7-208-07439-2/J. 117

COTA(S) AHP 6408 res



RUI MOREIRA S/TÍTULO

Geometria, detalhe, segmentação e movimento, fundo e formas, linhas e superfícies: é destas componentes antigas e banais que se faz este desenho. No interior de uma grande roda, círculo azul que se auto-sustenta, suspenso no branco da folha, ferve uma “população” proliferante de pequenas cruces brancas, atropelando-se na conquista de um território circunscrito, de uma célula que deixou de ter contacto com o exterior.

Se fossem letras, seriam caracteres tipográficos, de tal forma são uniformes; mas qualquer potencial alfabeto se transformou aqui em monotonia e repetição. São sinais transformados em cintilação, em efeito óptico. Algumas linhas suportam-nos como eixos rectilíneos da roda giratória: a partir de uma cruz central, outros segmentos se descolam, projectam, navegam por entre a acumulação, como ceptros estruturais.

Algo da memória decorativa e geométrica da África muçulmana, por onde o artista viajou, se inscreve nesta fórmula rendilhada e minuciosa – mandala cifrada em enigmas fechados ou apenas em promessas vazias em cuja superfície nos perdemos, esquecendo tudo o resto. ■ **Leonor Nazaré**

Obra exposta na actual mostra permanente da colecção

Rui Moreira
S/Título, 2003

Tinta estilográfica sobre papel
120 x 160cm

N.º Inv. 03DP1842

JUNHO AGENDA

EXPOSIÇÕES

Horário de abertura das exposições, 10h às 18h
[encerram às segundas-feiras]



DRAWING A TENSION OBRAS DA COLEÇÃO DEUTSCHE BANK

3 DE JUNHO A 7 DE SETEMBRO

Galeria de Exposições Temporárias da FCG
Comissário: Jürgen Bock, Director da Escola de Artes
Visuais Maumaus | Arquitecto: Marcos Corrales
Consultora: Gertrud Sandqvist
€4



INSTALAÇÃO DE TOLDOS NO JARDIM

22 DE JUNHO A 31 DE OUTUBRO

Originais dos artistas: António Sérgio Moreira (S. Salvador da Baía), Celestino Mudaulane (Maputo), Francisco Vidal (Lisboa), Gabi Jiménez (Marines), Hakam Gursoytrak (Istambul), Kenya Evans (Houston), Marisa Vinha (Lisboa), Nuno Valério (Lisboa), Philomena Francis (Londres), Rosana Paulino (S. Paulo), Santiago Cucullu (Milwaulkee), Sergio Vega (Gainesville), Yonamine (Luanda) e Wilson Shieh (Hong Kong)

No âmbito do Programa Gulbenkian Distância e Proximidade

CONTINUAM...

MOSTRA DOS TRABALHOS DO CURSO DE FOTOGRAFIA

ATÉ 15 DE JUNHO

Galeria de Exposições da Sede, Piso 01
Entrada livre

PEDRO CABRAL SANTO – TILT

ATÉ 22 DE JUNHO

Sala de Exposições Temporárias do CAM
Entrada livre

A EDUCAÇÃO DO PRÍNCIPE OBRAS-PRIMAS DA COLEÇÃO DO MUSEU AGA KHAN

ATÉ 6 DE JULHO

Galeria de Exposições Temporárias
do Museu Calouste Gulbenkian
Organização: "Aga Khan Trust of Culture"
€4 (inclui entrada ao Museu Gulbenkian)

EVENTOS

FÓRUM GULBENKIAN DE SAÚDE 2008/09 O TEMPO DA VIDA

COMO SE ENVELHECE EM PORTUGAL

16, SEGUNDA, 10H00 ÀS 17H30

Auditório 2

PROGRAMA GULBENKIAN AMBIENTE ALTERAÇÕES CLIMÁTICAS NO SOLO GELADO DA ANTÁRTIDA: UMA CAMPANHA PORTUGUESA

17, TERÇA, 17H30

Auditório 3

Relato da campanha científica realizada recentemente na Antártida Ocidental, com financiamento do Programa Gulbenkian Ambiente, destinada a estudar os impactos das alterações climáticas sobre o permafrost (solo permanentemente gelado).

CICLO DE CONFERÊNCIAS 07'08

NA FRONTEIRA DA CIÊNCIA

AQUECIMENTO GLOBAL:

A CAMINHO DA AUTODESTRUÇÃO OU
DA ENGENHARIA CLIMÁTICA PLANETÁRIA?

18, QUARTA, 18H00

Auditório 2

Ricardo Aguiar, Instituto Nacional de Engenharia,
Tecnologia e Inovação

FÓRUM GULBENKIAN MIGRAÇÕES

A HABITAÇÃO E A SAÚDE NA INTEGRAÇÃO
DOS IMIGRANTES

19, QUINTA, 9H00 ÀS 18H30

Auditório 3

MÚSICA

CICLO DE PIANO

2, SEGUNDA, 19H00

Grande Auditório

Boris Berezovsky PIANO

Nicolas Medtner, Modest Mussorgsky, Maurice Ravel

CICLO DE CANTO

3, TERÇA, 19H00

Grande Auditório

Véronique Gens SOPRANO

Susan Manoff PIANO

Gabriel Fauré, Claude Debussy, Reynaldo Hahn, Francis Poulenc

ORQUESTRA E CORO GULBENKIAN

5, SEXTA, 19H00 | 7, SÁBADO, 21H00

Grande Auditório

Claudio Scimone MAESTRO

Paula Almerares SOPRANO

Giovanna Lanza CONTRALTO

Aldo Caputo TENOR

Massimiliano Gagliardo BARÍTONO

José Mauricio Nunes Garcia Missa de Santa Cecília



ORQUESTRA GULBENKIAN

21, SÁBADO, 21H30 | 22, DOMINGO, 19H30

Anfiteatro ao Ar Livre

Muhai Tang MAESTRO

Bright Sheng [China], Qigang Chen [China],

Toshio Hosokawa [Japão], Tan Dun [China]

No âmbito do Programa Gulbenkian Distância e Proximidade

CONCERTOS DE DOMINGO

CICLO DE BOLSEIROS

DA FUNDAÇÃO CALOUSTE GULBENKIAN

22, DOMINGO, 12H00

Átrio da Biblioteca do Museu

Virginia Figueiredo CLARINETE

Paulo Pacheco PIANISTA

Johannes Brahms, André Messager, Claude Debussy,

Mark Carlson

CACIQUE 97

28, SÁBADO, 21H30

Anfiteatro ao Ar Livre

Colectivo Afro-beat

No âmbito do Programa Gulbenkian Distância e Proximidade

VISITAS TEMÁTICAS

Não é necessária marcação prévia, excepto onde assinalado.

MUSEU CALOUSTE GULBENKIAN

**VISITA TEMÁTICA AO MUSEU
O LIVRO COMO OBJECTO DE ARTE**
3, TERÇA, 15H00

Sujeito a marcação prévia até 15 dias antes
De 5 a 15 participantes | €4

**VISITA À EXPOSIÇÃO TEMPORÁRIA
A EDUCAÇÃO DO PRÍNCIPE
OBRAS-PRIMAS DA COLEÇÃO
DO MUSEU AGA KHAN**
TODAS AS QUINTAS, 15H00

Para grupos, contactar o Serviço Educativo | €4

CENTRO DE ARTE MODERNA

**VISITA À EXPOSIÇÃO TEMPORÁRIA
ENTRE A FICÇÃO E A REALIDADE**
1, DOMINGO, 12H00

Visita geral
Entrada livre

**CONVERSAS DE 15 MINUTOS À HORA DE ALMOÇO
DRAWING A TENSION
OBRAS DA COLEÇÃO DEUTSCHE BANK**
6 E 20, SEXTA, 13H00

Entrada livre

**VISITA À EXPOSIÇÃO TEMPORÁRIA
DRAWING A TENSION
OBRAS DA COLEÇÃO DEUTSCHE BANK**
8 E 22, DOMINGO, 12H00

€4

**VISITA À EXPOSIÇÃO TEMPORÁRIA
DRAWING A TENSION
OBRAS DA COLEÇÃO DEUTSCHE BANK
TENSÕES E EQUILÍBRIOS**
15 E 29, DOMINGO, 12H00

€4

CURSOS

**ACÇÃO DE FORMAÇÃO
PARA GUIAS, TRADUTORES, INTÉRPRETES
E ALUNOS DE CURSOS SUPERIORES DE TURISMO
ARTE ORIENTAL (1ª PARTE)**

4 E 6, QUARTA E SEXTA, 10H30 ÀS 12H00

ARTE EUROPEIA (2ª PARTE)

11 E 20, QUARTA E SEXTA, 10H30 ÀS 12H00

Museu

Marcação até 15 dias antes da data prevista

Nº de participantes: máximo 15

contacto: isilva@gulbenkian.pt | 217823456

Entrada livre

PARA OS MAIS NOVOS



PROGRAMAS EDUCATIVOS

NO MUSEU CALOUSTE GULBENKIAN:

Marcação prévia tel. 21 782 32 32 | fax 21 782 30 32

educativo.museu@gulbenkian.pt

www.museu.gulbenkian.pt

VISITAS ESCOLARES ÀS EXPOSIÇÕES NO CAM

Marcação prévia, de segunda a sexta, 15h às 17h;

tel. 21 782 36 20; fax 21 782 30 61

cam-visitas@gulbenkian.pt

OFICINAS E CURSOS NO CAM

Marcação prévia, de segunda a sexta, 10h às 13h00

tel. 21 782 34 77; fax 21 782 30 61

cam-visitas@gulbenkian.pt

MUSEU CALOUSTE GULBENKIAN

ESPECIAL DIA DAS CRIANÇAS

PELOS CAMINHOS DO MUSEU

OLHAR, VER, DIVERTIR-SE E APRENDER

1, DOMINGO, 10H30 ÀS 17H30

4 A 5 ANOS | 6 A 9 ANOS | 10 A 12 ANOS

Jogos didácticos para viver em família,

em grupos de crianças ou em grupos de famílias.

Excepcionalmente neste dia as actividades são

gratuitas e não necessitam de marcação prévia.

PELOS CAMINHOS DO MUSEU

A VOLTA AO MUNDO NO MUSEU

7, SÁBADO, 14H30 ÀS 16H30

4 A 5 ANOS | 6 A 9 ANOS | 10 A 12 ANOS

€7,5

PELOS CAMINHOS DO MUSEU

CARECAS, CABELEIRAS E CHAPÉUS TUDO TEM SUA RAZÃO

8, DOMINGO, 10H30 ÀS 12H30

4 A 5 ANOS | 6 A 9 ANOS | 10 A 12 ANOS

€7,5

PELOS CAMINHOS DO MUSEU

A MAGIA DOS DESERTOS

E O TAPETE VOADOR

14, SÁBADO, 14H30 ÀS 16H30

4 A 5 ANOS | 6 A 9 ANOS | 10 A 12 ANOS

€7,5

PELOS CAMINHOS DO MUSEU

HISTÓRIAS NAS PAREDES

TAPEÇARIAS NO MUSEU

15, DOMINGO, 10H30 ÀS 12H30

4 A 5 ANOS | 6 A 9 ANOS | 10 A 12 ANOS

€7,5

MUSEU EM FAMÍLIA

DO JAPÃO À FRANÇA

PIQUENIQUES NO MUSEU

21, SÁBADO, 14H30 ÀS 16H30

4 A 5 ANOS | 7 A 9 ANOS | 10 A 12 ANOS

€10 por criança e um adulto | €4 cada criança adicional

por família

MUSEU EM FAMÍLIA

S. JOÃO ESTÁ NO MUSEU

22, DOMINGO, 10H30 ÀS 12H30

4 A 5 ANOS | 7 A 9 ANOS | 10 A 12 ANOS

€10 por criança e um adulto | €4 cada criança adicional

por família

CENTRO DE ARTE MODERNA

ESPECIAL DIA DAS CRIANÇAS

IDEIAS IRREQUIETAS

O URSO E O CORVO

1, DOMINGO, 11H00 ÀS 12H00

2 A 4 ANOS + ADULTO

4, DOMINGO, 15H00 ÀS 16H30

5 A 7 ANOS

Oficina de contos | €4,5

OBJECTOS VIRADOS DO AVESVO

7, SÁBADO, 15H30 ÀS 17H30

6 A 10 ANOS

8, DOMINGO, 10H30 ÀS 12H30

4 A 6 ANOS + ADULTO

A partir da exposição *Drawing a tension: obras da coleção*

Deutsche Bank | Oficina criativa | €4,5

LABORATÓRIO DE ARTES

SONS NO ESPAÇO

PARA VER COM OS OUVIDOS!

8, DOMINGO, 15H00 ÀS 18H00

10 A 15 ANOS

A partir da exposição *Drawing a tension: obras da coleção*

Deutsche Bank | Oficina experimental | €5

JOVENS PERCURSOS PELA ARTE

INTRODUÇÃO À ARTE CONTEMPORÂNEA

DO OUTRO LADO DO ESPELHO

14, SÁBADO, 15H30 ÀS 16H30

6 A 10 ANOS

A partir da exposição *Drawing a tension: obras da coleção*

Deutsche Bank | €4

IDEIAS IRREQUIETAS

A QUE SABE A LUA

15 E 29, DOMINGO, 11H00 ÀS 12H00

2 A 4 ANOS + ADULTO

15 E 29, DOMINGO, 15H00 ÀS 16H30

5 A 7 ANOS

A partir da exposição *Drawing a tension: obras da coleção*

Deutsche Bank | Oficina de contos | €4,5

CORPOS DE COISA NENHUMA!

21, SÁBADO, 15H30 ÀS 17H30

6 A 10 ANOS

22, DOMINGO, 10H30 ÀS 12H30

4 A 6 ANOS + ADULTO

A partir da exposição *Drawing a tension: obras da coleção*

Deutsche Bank | Oficina criativa | €5

LABORATÓRIO DE ARTES

SONS NO ESPAÇO

PARA VER COM OS OUVIDOS!

22, DOMINGO, 15H00 ÀS 18H00

6 A 10 ANOS + ADULTO

A partir da exposição *Drawing a tension: obras da coleção*

Deutsche Bank | Oficina experimental | €5

JOVENS PERCURSOS PELA ARTE

INTRODUÇÃO À ARTE CONTEMPORÂNEA

DESARRUMAR AS IDEIAS!

28, SÁBADO, 15H30 ÀS 16H30

10 A 14 ANOS

A partir da exposição *Drawing a tension: obras da coleção*

Deutsche Bank | €4

DESCOBRIR A MÚSICA NA GULBENKIAN

VIAGEM AO MUNDO DO SOM

DOS SONS DA NATUREZA

À ORQUESTRA SINFÓNICA

[ESPECIAL FAMÍLIAS]

4, 18 E 25, QUARTA, 10H00 ÀS 11H30 | 11H00 ÀS 12H30

Zona de Congressos

3 A 5 ANOS | 6 A 9 ANOS | 10 A 12 ANOS

€4

VIAGEM AO MUNDO DO SOM DO SÉCULO XX

NOVOS INSTRUMENTOS,

NOVAS SONORIDADES E NOVOS MEIOS

5 E 19, QUINTA, 10H00 ÀS 11H30 | 11H00 ÀS 12H30

Zona de Congressos

6 A 9 ANOS | 10 A 12 ANOS

€4

COMO SE FAZ UM CONCERTO

UMA VIAGEM PELOS BASTIDORES

DE UM CONCERTO

NOVOS INSTRUMENTOS,

NOVAS SONORIDADES E NOVOS MEIOS

6, 20 E 27, SEXTA, 10H00 ÀS 11H30

Zona de Congressos

6 A 9 ANOS | 10 A 12 ANOS

€4

DESPERTAR PARA A MÚSICA

EXPLORAÇÃO DAS FAMÍLIAS DE

INSTRUMENTOS E RESPECTIVAS FORMAS

DE PRODUÇÃO SONORA

3, 16 A 19, 21 E 23 A 28, 10H00 ÀS 11H30

27, 15H00 ÀS 16H30

Zona de Congressos

3 A 5 ANOS | 6 A 9 ANOS

Visita | €4

VIAGEM ESPECIAL AO MUNDO DO SOM

16, SEGUNDA, 10H00 ÀS 11H30

Zona de Congressos

Através dos instrumentos Baschet, as crianças podem jogar, viajar, descobrir e explorar o mundo do som a partir de si próprios, com as suas características e a sua riqueza.

Visita | €4

VIAGEM AO MUNDO DO JAZZ

HISTÓRIAS, IMPROVISações

E CRUZAMENTOS NO JAZZ

20, SEXTA, 10H00 ÀS 11H30

Zona de Congressos

6 A 9 ANOS | 10 A 12 ANOS | 13 A 17 ANOS

€4

OS MEUS PRIMEIROS SONS

EXPLORAÇÃO DA VOZ E DAS PRIMEIRAS

FORMAS DE PRODUÇÃO SONORA

21 E 28, SÁBADO, 10H00 ÀS 11H00 | 11H00 ÀS 12H00

Zona de Congressos

0 A 1 ANOS | 1 A 2 ANOS | 2 A 3 ANOS [COM OS PAIS]

€4



VIVER OS JARDINS GULBENKIAN

OFICINA

OS JARDINS QUE O JARDIM CONTEM NINHO

21, SÁBADO, 14H00 ÀS 16H00

Hall da Sede da Fundação Calouste Gulbenkian

4 aos 10 anos (1 criança + 1 adulto)

máximo 10 participantes | €7,5

OFICINA

LUPAS SENSORIAIS COZINHA DO BOSQUE

28, SÁBADO, 14H00 ÀS 16H00

Hall da Sede da Fundação Calouste Gulbenkian

4 aos 10 anos (1 criança + 1 adulto)

máximo 10 participantes | €7,5

EXPERIÊNCIAS NO PARAÍSO

Malas de actividades com jogos, histórias e materiais para experimentar o jardim, seguindo diferentes mapas/percursos (sem orientador). As malas são utilizadas pelas famílias e são requisitadas na livraria da Sede da Fundação. | €5 /mala (máx. de 3 horas)

temporada
gulbenkian
de **música** 08'
09



venda de assinaturas

renovação de assinaturas:
período destinado a antigos assinantes

26 de Maio a 6 de Junho de 2008

por correspondência:

9 a 13 de Junho de 2008

pela internet:

23 a 29 de Junho de 2008

venda directa:

25 a 27 de Junho de 2008

venda avulso

por correspondência:

30 de Junho a 11 de Julho de 2008

pela internet:

A partir de 28 de Julho de 2008

venda directa:

A partir de 1 de Setembro de 2008



FUNDAÇÃO CALOUSTE GULBENKIAN
Serviço de Música

apóio à divulgação

lisboa
Câmara Municipal

ANTENA 2

venda de bilhetes:

www.musica.gulbenkian.pt